

RE2LB

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS
E LITERATURA BANTU

“Diversidade que Une, Multilinguismo que Transforma:
Línguas Nacionais, Património Colectivo!”

OUTUBRO DE 2025

1ª EDIÇÃO Nº001

CE3L
CÍRCULO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
E LINGUÍSTICOS LITTERAGRIS

FICHA TÉCNICA

Áreas científicas abrangidas:	Estudos Linguísticos
Tipos de artigos aceites:	Ensaaios, artigos científicos, resenhas, entrevistas
Critérios de avaliação:	Originalidade, clareza, relevância, método científico
Frequência de publicação:	Semestral
Editor Executivo:	Hélder Simbad
Editor Adjunto:	Satchonga Tchiwale
Revisores Científicos:	Edmira Cariango, Hélder Simbad
Webdesign/Gestão digital:	Satchonga Tchiwale
Parcerias e Apoios:	Universidade Jean Piaget, União dos Escritores Angolanos
Fotografia:	Litteragris, Satchi Editora
Textos:	Isabel Sango Ph.D., Daniel Peres Sassuco Miguel Lubwatu Me. Reinaldo João Tomás Khilson Khalunga Enoque Sapalo Caiombo António Kutema Luísa Cardoso Jorge Pedro Carlos Missando Job Sipitali.
Contactos	
Email:	revista@re2lb.org
Redes sociais:	revista científica
Website:	universolitteragris.org

SEMANA DAS LÍNGUAS

“DIVERSIDADE QUE UNE, MULTILINGUISMO QUE TRANSFORMA: LÍNGUAS NACIONAIS, PATRIMÓNIO COLECTIVO!”

APRESENTAÇÃO DA REVISTA

Breve descrição: A Revista de Estudos Linguísticos e Literatura Bantu (RE2LB) é o resultado da Semana das Línguas, evento promovido pelo Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris em parceria com a Faculdade de Humanidades, Artes e Formação de Professores da Universidade Jean Piaget de Angola. De carácter científico e cultural, a revista é voltada para a linguística e para a arte poética produzida nas línguas nacionais de Angola, reunindo artigos, ensaios e contributos de investigadores, docentes e estudantes.

A publicação inclui ainda entrevistas a personalidades académicas e a representantes de instituições dedicadas ao estudo das línguas, constituindo-se como um espaço de reflexão, divulgação e diálogo interdisciplinar.

Missão: A Revista de Estudos Linguísticos

e Literatura Bantu (RE2LB) tem como missão promover o estudo científico da linguagem e da literatura, valorizando a diversidade cultural e linguística, incentivando a produção académica e artística, e estabelecendo pontes entre a investigação, o ensino e a criação poética.

Busca, igualmente, dar visibilidade às vozes de académicos, estudantes e instituições que se dedicam ao cultivo das línguas e das artes, contribuindo para o fortalecimento do pensamento crítico e para o diálogo interdisciplinar no espaço académico angolano e internacional.

Visão: Ser uma referência académica e cultural no campo da linguística e da arte poética em línguas angolanas, reconhecida pela excelência científica, pela valorização da diversidade linguística e literária e pela capacidade de inspirar novas gerações de investigadores, professores, escritores e artistas.

A revista almeja tornar-se um espaço de diálogo interdisciplinar e intercultural, que ultrapassa fronteiras geográficas e epistemológicas, contribuindo para o fortalecimento da identidade académica angolana no cenário internacional, expandindo as línguas locais.

Objectivos: Promover a investigação científica na área da linguística e criação poética nas línguas de Angola, incentivando a produção académica nacional e internacional.

Divulgar o conhecimento através da publicação de artigos, ensaios, entrevistas e estudos interdisciplinares que contribuam para o avanço das ciências da linguagem.

Valorizar a diversidade linguística e cultural, com especial atenção ao contexto angolano e africano, inserindo-o no diálogo global das ciências humanas.

Aproximar a comunidade académica e artística, oferecendo um espaço de encontro entre investigadores, professores, estudantes, escritores e instituições dedicadas às línguas e às artes.

Estimular o pensamento crítico e criativo, articulando teoria e prática na reflexão sobre a linguagem, a literatura e a sociedade.

Fortalecer a identidade académica angolana, contribuindo para a consolidação do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris e da Universidade Jean Piaget como centros de excelência em humanidades, artes e formação de professores.

Público-alvo: Linguistas, estudantes de letras e linguísticas.



PELA EMANCIPAÇÃO DAS LÍNGUAS DE ANGOLA: REFLEXÃO E RESISTÊNCIA

HÉLDER SIMBAD

Editor Executivo, Coordenador do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris (CE3L)

A língua não é apenas um instrumento de comunicação; é, antes de tudo, o espelho de uma civilização, o fio invisível que liga gerações, memória e consciência colectiva. Em Angola, a colonização não deixou apenas marcas físicas; deixou feridas na nossa própria capacidade de falar-nos a nós mesmos, de nomear o mundo com as nossas próprias palavras, de expressar a nossa própria realidade. Durante séculos, línguas e dialectos foram silenciados ou desvalorizados, reduzidos à esfera privada, enquanto o estrangeiro impunha o seu vocabulário, os seus conceitos e a sua lógica.

Emancipar as línguas de Angola é, portanto, um acto filosófico e político. É reconhecer que o pensamento e a linguagem são inseparáveis: dominar a nossa língua é dominar o nosso próprio mundo interior,

compreender a nossa história e projectar o nosso futuro. Cada palavra indígena, cada expressão ancestral, carrega consigo a visão de mundo de um povo, a sua ética, a sua estética e a sua resistência. Ao silenciar essas vozes, a colonização não apenas apagou palavras, mas tentou apagar o próprio sujeito histórico angolano.

O nacionalismo linguístico, longe de ser um gesto nostálgico ou meramente simbólico, é uma exigência de autenticidade. É afirmar que uma nação livre não se mede apenas pelo território ou pela política, mas pela liberdade de nomear, de pensar e de criar a realidade através da sua própria linguagem. É compreender que a língua é o suporte da identidade colectiva, e que sem esta emancipação, qualquer projecto de soberania permanece incompleto.

RE2LB

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERATURA BANTU

Neste contexto, o lema da nossa reflexão é claro e inspirador: “Diversidade que Une, Multilinguismo que Transforma: Línguas Nacionais, Património Colectivo!”

Este lema não é apenas uma frase de efeito; é uma convocação à acção. Ele nos lembra que a diversidade linguística não divide, mas fortalece; que o multilinguismo não fragmenta, mas transforma; e que cada língua nacional é um tesouro colectivo, um património que nos pertence a todos e que devemos proteger, estudar e promover.

A nossa responsabilidade, como intelectuais, educadores e cidadãos, é criar espaços onde estas línguas possam respirar, ensinar e florescer. É investir na educação, nos meios de comunicação, na literatura e na cultura popular, garantindo que cada expressão linguística seja valorizada, estudada e transmitida. Só assim construiremos uma Angola que não apenas se reconhece na história, mas que também se afirma no presente e se projecta no futuro, com consciência e autenticidade.

Esta revista propõe-se a ser um farol crítico e filosófico, um espaço de reflexão e resistência. Convidamos os leitores a não apenas ler, mas a pensar, questionar e agir. A emancipação das línguas angolanas é mais do que uma causa cultural: é uma exigência ética, política e existencial. É tempo de ouvir o nosso próprio som, de reconhecer a profundidade do nosso pensamento e de dar voz a uma nação que finalmente se fala a si mesma.

A Revista de Estudos Linguísticos e Literatura Bantu (RE2LB) organiza-se em secções que procuram articular o rigor científico com a criatividade literária e a reflexão crítica. Cada número reúne contributos diversificados, assegurando a pluralidade de

olhares e a interdisciplinaridade que caracterizam a área dos estudos da linguagem.

A estrutura da revista, entre outros elementos, contempla:

- Atas e Relatórios de Eventos – textos que registam os principais debates e produções académicas oriundas da Semana das Línguas e de outras iniciativas do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris como a Maka à Quarta-feira, na UEA.
- Ensaaios e Reflexões – contributos de carácter teórico-crítico ou interdisciplinar, em que se exploram questões contemporâneas sobre língua, literatura, cultura e sociedade.
- Entrevistas – espaço de diálogo com personalidades académicas, escritores e representantes de instituições culturais e científicas, permitindo aproximar a investigação do testemunho pessoal e institucional.
- Criações Literárias – poemas, que celebram a arte poética e a experimentação estética em línguas angolanas.

Dessa forma, a revista integra produção científica, reflexão crítica e criação artística, consolidando-se como um espaço plural de diálogo entre diferentes linguagens, saberes e sensibilidades. Que esta revista seja uma ponte entre a ciência e a poesia, entre a palavra e o mundo que ela transforma.



Notas sobre a Semana das Línguas Nacionais

○ **KHILSON KHALUNGA,**
Coordenador de Linguística do Círculo Literário e
Linguístico Litteragris

judiciais, de comunicação, em administração pública e outros sectores, deixando de lado as línguas nacionais, considerando-as como as “demais línguas”. Essa expressão, para nós, carrega uma semântica de preconceito linguístico. Portanto, não é lógico termos um país multilingue na sua forma de ser, mas político-administrativamente apresentar uma característica monolingue, com o português a funcionar em todos os sectores de Angola.

Durante a semana das Línguas Nacionais, promovemos vários eventos como Mesa-redonda, Conferência e recitais em línguas nacionais, em que se discutiu temas diversos, como o avanço e recuo das línguas nacionais em Angola, política linguística, entre outros abordados durante a semana toda.

A Linguística mostra-nos que cada língua carrega consigo uma visão única do mundo, ou seja, cada um concebe o mundo a partir da sua língua, por ser um património cultural e histórico que merece ser preservado e estudado.

A Semana das Línguas Nacionais é um evento dedicado a celebrar a riqueza e a diversidade das línguas que compõem o mosaico linguístico de Angola. Esta iniciativa, sob o lema: (colocar o lema) visa não apenas destacar a importância do estudo linguístico, mas também promover o diálogo intercultural e reforçar o valor do multilinguismo no nosso país.

Angola é um país multilingue, constituído por línguas de família europeia, Bantu e Khoisan e Vatwa. Desta feita, nota-se ainda um forte cunho político para a maior valorização da língua portuguesa, em relação às línguas nacionais faladas nesta geografia, pois a Constituição da República de Angola, no seu artigo 19.º, eleva o português à categoria de língua oficial, atribuindo a liberdade da sua utilização em todo o território nacional, no sistema de ensino, nos órgãos

O Círculo de Estudo Literário e Linguístico Litteragris, propriamente a coordenação de Linguística, não se limita apenas na análise e descrição estrutural das línguas, mas também actua na defesa de direitos linguísticos, na documentação de línguas ameaçadas a extinção, como o caso do Khoisan e as línguas faladas pelos Vatwa, e na promoção da inclusão por meio da linguagem.



SEMANA DAS LÍNGUAS

**“DIVERSIDADE QUE UNE, MULTILINGUISMO
QUE TRANSFORMA: LÍNGUAS NACIONAIS,
PATRIMÓNIO COLECTIVO!”**

18, 19 E 21 DE JUN. 2025

Portanto, a língua é a bússola de um povo, capaz de mostrar as suas origens e mantê-los no ser enquanto ser, quem a exclui, exclui a si mesmo. Ou como disse a escritora e roteirista norte-americana Rita Mae Brown “A língua é o mapa de uma cultura. Ela diz de onde vem o seu povo e para onde vai.”

Discurso de abertura na UEA

POR DR. FRANCISCO HONORATO

Excelentíssimos participantes, estimados convidados, minhas senhoras e meus senhores!

É com grande satisfação que tenho a oportunidade de tecer breves considerações nesta cerimónia de abertura da conferência sobre Línguas Angolanas;

Agradeço a presença de cada um, especialmente aos nossos prelectores, moderadores, moderadores e parceiros, cujo apoio foi fundamental para a realização



deste evento.

A conferência é realizada num momento histórico da vida dos angolanos, pois, marca os 10 anos do Litteragris, 25 da Universidade Jean Piaget e 50 anos de Independência de Angola.

Ouviremos a partir desta sala e numa da universidade Jean Piaget, depois de amanhã, especialistas trocarem experiências e a construir saberes inovadores sobre vários temas tais como, o kimbundu e os 50 anos de Independência de Angola – Avanços e retrocessos, Sistema de classes e prefixos nominais em Bantu- uma abordagem morfológica.

Para hoje, temos a mesa redonda sobre o Português - Língua Oficial e as demais Línguas de Angola, na verdade, é um sarcasmo que se busca para reflectirmos sobre o artigo 19 no seu ponto 2. Por que razão não colocar as línguas angolanas ao mesmo nível da língua portuguesa?

Incentivo a todos a participarem activamente, desejando desta forma que haja um ambiente de diálogo aberto e de troca de ideias para a construção de saberes inovadores em relação à língua portuguesa e as línguas angolanas.



Pelo facto de a conferência resultar da iniciativa e organização de duas instituições, gostaria de partilhar com os presentes a seguinte passagem: “Melhor serem dois do que um porque têm melhor paga do seu trabalho”. Eclesiastes 4: 9.

Muito obrigado!

Luanda, 18 de Junho de 2025

Francisco Honorato Kambali

“

**“DIVERSIDADE QUE UNE,
MULTILINGUISMO
QUE TRANSFORMA:
LÍNGUAS NACIONAIS,
PATRIMÓNIO COLECTIVO!”**



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

”



MAZONO AKINDINGAZETO, AS OUTRAS DEMAIS LÍNGUAS FORAM RESGATADAS PELO CE3L NA SEMANA DAS LÍNGUAS.

ISABEL SANGO
Prosadora - Declamadora

Há palavras que nascem no ventre. Palavras que nunca pisaram as salas da escola, mas que conhecem os caminhos do fogo, do parto e da terra molhada pela chuva miúda de Agosto. São palavras de mãe, do avô, de batuque. Palavras que embalam e curam. E, no entanto, quantas delas cabem hoje no papel timbrado de um ministério?

Na Semana das Línguas, organizada pelo Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris (CE3L), em parceria com a União dos Escritores Angolanos (UEA) e a Universidade Jean Piaget de Angola, realizada de 18 a 21 de Junho de 2025, na sede da UEA, escutei mais do que discursos: escutei urgências. O tom solene do evento escondia, em parte, a revolta ancestral que ainda se agita no silêncio de cada Kimbundu proibido, cada Umbundu ignorado, cada Kikongo atravessado pela vergonha.

Durante três dias, as paredes da União dos Escritores Angolanos e da Universidade Jean Piaget deixaram de escutar apenas o português. Voltaram a ouvir — com reverência — o eco do Kimbundu, o sopro do Umbundu, o compasso do Cokwe e do Kikongo. Línguas antes silenciadas nas salas de aula, mas que nunca deixaram de habitar os quintais, os mercados e os ventres das nossas mães.

O evento inaugural teve lugar na União dos Escritores Angolanos, com uma edição especial da tradicional *Maka à Quarta-Feira*, que marcou a abertura oficial da Semana das Línguas. Sob a mediação vibrante de Ester Diahoha, o encontro reuniu figuras incontornáveis como António Kutema, Enoque Caiombo, Luísa Cardoso e Miguel Lubwatu, que discutiram o estatuto social, político e epistemológico das línguas nacionais, sob o tema: “*Português, língua oficial e as demais línguas de Angola*”, lançando uma crítica bem encravada à lei magna que rege o país — a CRA.

Ali, foi dito com clareza: não se trata de rejeitar o português, mas de deixar de ignorar os nossos próprios idiomas. A luta é por um estatuto de equidade linguística — não por substituição, mas por reposição histórica.

O professor Hélder Simbad dizia — com a firmeza de quem carrega a missão na fala — que o português não resolve todos os nossos problemas. E não resolve mesmo. A nossa ferida não é apenas de comunicação — é de apagamento. E não se cura com uma única língua.

Mas, longe de propor a expulsão do português, o apelo era por justiça: por novos estatutos para os nossos idiomas, para as línguas que nos habitam antes mesmo do nosso nome de baptismo. Porque, como disse Simbad, não se trata de banir, mas de reconhecer. Trata-se de sair da monocultura linguística e regressar à floresta viva das vozes que nos formam.

No dia seguinte, a Universidade Jean Piaget de Angola acolheu uma robusta conferência que reuniu pesquisadores, linguistas, estudantes e activistas do património linguístico angolano. Entre os temas, destacaram-se: *guas Angolanas*”, pelo Prof. Reinaldo Tomás.

– “*Sistema de Classe e Prefixos Nominais do Dialecto Kiphala*”, pelo académico Khilson Khalunga – “*Multifuncionalidade dos Morfemas Prefixados no Léxico das Línguas Angolanas*”, pelo Prof. Reinaldo Tomás.

Cada comunicação trouxe à luz a complexidade e a sofisticação das línguas nacionais — frequentemente subestimadas e ausentes dos currículos oficiais. Ali, reclamou-se a urgência da sua documentação, padronização e valorização institucional.

Ali, também se falou de morfemas e prefixos. Sim, morfologia bantu, sistemas de classe no Cokwe, no Kimbundu, no Kiphala. Palavras académicas que, vistas de longe, podem parecer áridas. Mas não são. São sementes de uma possível revolução intelectual: a de fazer ciência com os nossos nomes, de construir saberes a partir das nossas raízes.

A literatura, disseram, é a chave. E eu concordo. Porque, quando se escreve em Kimbundu, não é apenas a língua que se renova — é o povo que se reergue. A palavra escrita carrega o poder de eternizar o que antes vivia apenas na oralidade. E, se a oralidade é o sangue, a escrita é o coração a bombear memória.

O encerramento da Semana aconteceu em tom de festa e reverência. O evento final — intitulado *Mim*

Voltaram a ouvir — com reverência — o eco do Kimbundu, o sopro do Umbundu, o compasso do Cokwe e do Kikongo. Línguas antes silenciadas nas salas de aula, mas que nunca deixaram de habitar os quintais, os mercados e os ventres das nossas mães.

bu Mu Njangu — teve como lema “*O lugar da literatura oral: poemas, contos, provérbios e canções*”. Foi um encontro que foi, ao mesmo tempo, ritual e manifesto. Músicas tradicionais, danças angolanas, narrativas e provérbios — tudo em línguas nacionais — ergueram-se como templos de memória viva.

No palco, declamou o poeta Tatório Kaholo. O momento musical esteve a cargo de Marques Ganga. A roda de provérbios foi conduzida por Francisco Makyesse, que, além de partilhar um conto das nossas terras, teve ainda a missão de traduzir para português as recomendações deixadas por Mama Sofia Garcia — esta que falou em Kikongo, com a dignidade de quem evoca uma nação inteira na voz.

Ali, a oralidade voltou a ser ciência ancestral. Ouviu-se o Kikongo com orgulho — não como objecto de estudo, mas como corpo vivo de expressão. Entre falas e sorrisos, entendi: resistir em línguas nacionais é também um acto de ternura. E de poder.

Houve ainda uma dinâmica em que vários participantes foram escolhidos aleatoriamente para proferirem provérbios nas suas línguas — aliás, nas demais línguas de Angola — e traduzi-los para o português, colonialmente a língua oficial do país. Foi um exercício interessante e profundamente simbólico.

Mas ainda há entraves. Compreendeu-se que o Kimbundu, assim como as outras demais línguas — sempre lançadas para o rodapé do discurso oficial —, mesmo já reconhecidas como nacionais, continuam a viver à sombra. É como um filho mais velho a quem negaram a herança. A sua importância cultural é incontestável, mas a sua prese-

sença institucional segue tímida, fragmentada, amordaçada por décadas de centralização — colonial e pós-colonial.

Mas ainda há entraves. Compreendeu-se que o Kimbundu, assim como as outras demais línguas — sempre lançadas para o rodapé do discurso oficial —, mesmo já reconhecidas como nacionais, continuam a viver à sombra. É como um filho mais velho a quem negaram a herança. A sua importância cultural é incontestável, mas a sua presença institucional segue tímida, fragmentada, amordaçada por décadas de centralização — colonial e pós-colonial.

A Semana das Línguas não ficou apenas nas palavras. Trouxe respostas práticas aos desafios diagnosticados — entre elas, a abertura de cursos intensivos de férias pelo CE3L, com destaque para os Cursos de Línguas Nacionais (Kimbundu, Umbundu e Cokwe), Oficinas de Didáctica da Literatura Africana e Ensino das Línguas, Formação em Escrita Criativa e Teoria Literária, Laboratórios de Oratória e Comentário Literário.

Esses cursos foram pensados como resposta directa às lacunas levantadas durante a Semana das Línguas, sempre em colaboração inseparável com a UEA — desde a formação de professores, à criação de vocabulário técnico e literário nas línguas locais, até à construção de identidade por via da palavra.

Fico-me por aqui. E, como dizem na minha demais língua:

E mbazi, e ndinga zeto se zisinga vuwa mfunu muna zi nzo zi kinzonzi, muna baka nzengo zi mambu. Ka kolo ko, se n’kala váva!.

Traduzindo: Amanhã, as nossas línguas serão utilizadas na Assembleia para dar solução aos problemas. Até lá, estarei aqui.

ANAIIS DA CONFERÊNCIA REALIZADA NA UNIVERSIDADE JEAN PIAGET



CONFERÊNCIA SOBRE LÍNGUAS ANGOLANAS



KHILSON KHALUNGA

Sistema de classes e prefixos nominais do dialecto Kiphala: uma abordagem morfológica



DR. PERES SASSUCO

Sistema de classes e prefixos nominais em Bantu. Uma abordagem morfológica do Cokwe



MSC MIGUEL LUBUATO

O Kimbundu e os 50 anos da Independência de Angola: Avanços e Retrocessos



DR. REINALDO TOMÁS

Multifuncionalidade do Morfema (KA-) Prefixado no Léxico das Línguas Angolanas



LEONILDE ANTÓNIO
MODERADORA



ISABEL DOS SANTOS
MESTRE DE CERIMÓNIA



Data: 19 / 06 | Hora: 13:30
Local: Uni-Piaget



SISTEMA DE CLASSES E PREFIXOS NOMINAIS EM BANTU

Uma abordagem morfofonológica do Cokwe (K11)

Ph.D., Daniel Peres S

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

- INTRODUÇÃO
- METODOLOGIA
- QUADRO TEÓRICO LINGUÍSTICO
- SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO COKWE
- CLASSES E PREFIXOS NOMINAIS DO COKWE
- CONSIDERAÇÕES FINAIS
- ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Este estudo destina-se a descrever o funcionamento do sistema de classes nominais em Bantu e em Cokwe, como modelo. Assim, apresenta-se inicialmente a reconstrução do sistema de classes e alguns estudos anteriores.

1 Professor Auxiliar da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto. Licenciado e Bacharel em Pedagogia Aplicada em Francês-Linguística Africana pelo Instituto Superior Pedagógico (ISP) de Lubumbashi na República Democrática do Congo. Mestre em Tratamento de Informação e Comunicação Multilíngue pela Universidade Autónoma de Barcelona de Espanha. Doutor em Linguística Geral, especialidade de Linguística Africana pela Universidade Atlântica Internacional dos Estados Unidos da América. Agregado em ensino superior pela Universidade Agostinho Neto. Leciona as cadeiras de Sociolinguística, Introdução à Linguística Bantu, Morfologia das Línguas Bantu e Linguística Contrastiva. Membro do Grupo de Frasesmas para o Dicionário Electrónico (GFDEL) da Universidade Autónoma de Barcelona; do Conselho Científico da Revista NJINGA E SEPÉ da Universidade de Integração Luso-Brasileira (Unilab); da Abralin e do GRECORPA-Angola, bem como colaborador da Cátedra de Língua Portuguesa da Universidade Católica de Angola. Interessa-se às pesquisas de Descrição linguística, Estudos contrastivos, Políticas linguísticas, Tradução sentido-texto, Onomástica e Lexicografia, Recolha de dados orais (provérbios, contos, canções, adivinhas). Autor de uma série de artigos científicos e palestrante de várias comunicações a nível nacional, regional e internacional. Orientador de vários trabalhos de fim de curso de graduação e mestrado na área de ciência de linguagem e comunicação. Intervenções sociolinguísticas radiofónicas e televisivas nos canais locais e via redes sociais para a audiência internacional.

Na base do quadro da morfofonologia, pretende-se romper a tradição semântica como cânone na classificação dos nomes nos prefixos.

Introdução: Objecto de estudo

- Constitui objecto de estudo da presente abordagem, Sistema de classes e Prefixos em Bantu: Uma abordagem morfofonológica do Cokwe (K11).
- Servir-se do Cokwe para exemplificar as classes e prefixos em Bantu.

Introdução: Objectivos

Identificar o sistema de classes e prefixos do Cokwe, em especial, da morfologia nominal, Analisar a morfologia do nome do ponto de vista funcional através da análise do sistema de género da língua, aplicando a teoria da morfologia e fonologia lexical.

Introdução: Problema

- As línguas Bantu são caracterizadas pelos sistemas de classes e prefixos nominais. Por muitos anos de estudos desse assunto, (cf. Bleek 1862, Guthrie 1956, Phillipson 1966, entre outros), os estudos sobre o sistema de classes de prefixos é baseado na semântica. Dai, a indagação seguinte:
- Que perspectiva pode melhor explicar a existência de sistemas de classes e prefixos em Bantu?

Introdução: Hipótese

- Maho 1999a, Mutaka e Tamanji 2000;

- Ngunga 2004, 2014, Langa 2013; analisam o sistema de classes e prefixos nominais, suas ocorrências baseadas no critério da fonologia e morfologia lexical.
- Isso porque os processos fonológicos desvendam claramente a existência dos alomorfes de cada prefixo.

Introdução: Relevância e Justificativa

- O estudo descritivo do sistema de classes e prefixos em Bantu carece de uma revisão pelo facto de haver mudanças constantes devido à dinâmica das línguas; cuja pertinência resume-se em:
- (i) Inexistência de estudos científicos mais concisos, sabendo-se que pouco foi feito a este nível sobre as línguas Bantu,
- (ii) Quanto às razões de escolha do tema, as línguas Bantu, no nosso país, não possuem vastas descrições, por razões advindas da negligência educativa colonial e do próprio executivo angolano.

Introdução: Metodologia

- Método heurístico (Araújo, 2008)
- Técnicas: Bibliográfica, Observação
- Teoria Linguística: Funcionalismo (Givón, 1972, 2001^a, 2001^b)
- Quadro teórico: Morfologia e fonologia lexical (Kiparsy 1982; Lee 1992; Katamba 1994, 1989; Mutaka e Tamanji 2000; Mchombo 2004; Hyman 1995, 2003; Maho 1999^a, Ngunga 2004, Langa 2013, entre outros).

SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO COKWE

- Cokwe é falada, nas províncias administrativas, em Angola, de Lundas Norte e Sul, Moxico, Cuando, Cubango e Bié.
- Representa 6,54% da população falante (INE, 2014),
- Classificação linguística: grupo Ciokwe-Luzazi (K10), sigla K11 (Maho, 2009, p. 63).
- Língua dos Tivocokwe formando o território de Lunda.
- Dialecto em estudo: Cokwe ca Sawulimbo (mais central).

DESCRIÇÃO DE CLASSES E PREFIXOS

1. Classe 1a (mù-) e classe 2a (à-)

Em Cokwe, normalmente, o prefixo nominal da classe 1 é (mù-) cujo plural é manifestamente a classe 2 (à-).

- mù-tvù_{cl.1} → à-tvù ‘pessoa(s)’
- mù-jíkùlù_{cl. 1} → à-jíkùlù ‘neto(s)’

Os nomes acima indicam o singular através do prefixo da classe 1 (mù-) e os agrupados à direita são o respectivo plural afectos ao prefixo da classe 2 (à-). O tom é sempre baixo no prefixo nominal.

Classe 1a (mù-/mw-) e classe 2a (à-/è-)

Os prefixos das classes 1 (mù-) e da classe 2 (à-), nesta classe ocorrem alomorfes decorrentes da resolução de hiatos caso sequência *VV se verifique na fronteira entre o prefixo, e o eventual início com vogal do tema nominal. Veja:

mwènyembocl.1 < (mù-ényémbò) ‘vizinho’

mwénècl.1 < (mù-énè) ‘senhor’

mwíjìcl.1 < (mù-íjì) ‘ladrão’

Classe 1a (mw-) e classe 2a (è-)

- ènyembo_{cl.2} < (à-ényémbò) ‘vizinhos’ (i)
- ènè_{cl.2} < (à-énè) ‘senhores’ (i)

- èjì_{cl.2} < (à-íjì) ‘ladrões’ (ii)

Os dados do singular, **há** semivocalização lábio-velar [w] decorrente do facto de a vogal nuclear do prefixo nominal /u/ imediatamente preceder a vogal do tema nominal, criando assim o ambiente fonológico para a resolução de hiatos decorrentes de *VV. Mas, nos exemplos do plural, ocorre dois fenómenos fonológicos diferentes, em (i) **elisão** de /a/ nuclear do prefixo da classe 2, resultando em /e/, isto é, a vogal [+bxo] ficou [-bxo -alt] (/e/). A outra em (ii) - a mesma vogal do prefixo nominal passa para [-bxo -alt] (/e/), por **fusão** de vogais [+bxo] e [+alt].

Também há nesta classe, a variante Ø- como atestam os exemplos:

Classe 1a (Ø-) e classe 2a (à-)

- tátà_{cl.1} < (Ø-tátà) ---> (à-tátà) ‘pai(s)’
- màmà_{cl.1} < (Ø-màmà) ---> (à-màmà) ‘mãe(s)’
- khákhà_{cl.1} < (Ø-khákhà) ---> (à-khákhà) ‘avô(s)’

Há substituição do prefixo zero (Ø) para o (à-) da classe 2. A presença do zero nesta classe explica-se pela duplicação silábica do tema e consolidado pelo traço [+hum.] como critério único que integra os nomes neste par de classes, pelo menos em Cokwe. Fonologicamente, a estrutura -CVCV- nos temas é produtiva no prefixo zero.

2. Classe 3 (mu-) e classe 4 (mì-)

- Maho (1999) já classificou este par como altamente heterogéneo. Parafraseando Langa (2013, p. 101), é “difícil caracterizar semanticamente esta classe”.
- mùnwé_{cl.3} < (mù-nwé) ---> **mì-nwè**cl.4 ‘dedo(s)’
- mùtvwé_{cl.3} < (mù-tvwé) --> **mì-tvwè** cl.4 ‘cabeça(s)’

Verifica-se o processo de substituição (cf. Ngunga, 2014), e agrupou-se o singular em classe 3 (mù-) cujo plural é o prefixo da classe 4 (mì-), o que é expectável conforme o pronto Bantu. Quanto aos alomorfes, tem-se nos seguintes nomes:

2. Classe 3 (mw-) e classe 4 (my-)

- mwàsò_{cl.3} < (mù-ásò) > **myàsò**cl.4 <(mì-ásò) ‘cântico(s)’
- mwàkà_{cl.3} < (mù-ákà) > **myàkà**cl.4 <(mì-ákà) ‘ano(s)’

Observa-se os alomorfes são os mesmos verificados na classe 1, quando os ambientes fonológicos

são criados, sendo que a classe 3 (mù-) apresentou a semivocalização velar e classe 4 (mil) apresentou o processo de semivocalização palatal, todos ambientes favorecidos pelas suas vogais, no primeiro caso a vogal nuclear /u/ para a labiovelar [w] e no segundo caso a nuclear /i/ resultante em patal [y], (Ngunga, 2000).

3. Classe 5 (lì-) e classe 6 (mà-)

A nível das Línguas Bantu, o prefixo **lì-**, que faz plural com **mà-** (cl. 6), é o mais recorrente (Van de velde, 2019). No entanto, é muito complicado encontrar uma semântica comum a todos os nomes, (Langa, 2013).

- **lìsàngà**_{cl.5} < (lì-sàngà) > **màsàngà**cl.6 <(mà-sàngà)
‘ovo(s)’
- **lìkázò**_{cl.5} < (lì-kázò) > **màkázò**cl.6 <(mà-kázò)
‘caça(s)’

Estes prefixos apresentam o expectável conforme o proto-Bantu, isto é, há substituição do prefixo do singular para o do plural em forma de /lì-/ e /mà-/. Mas temos alomorfes também. Veja-se:

O prefixo da classe 5 (lì-, ri-, ni-, i-) é mantido quando se pluraliza o nome”, (Mata, 2015, p. 8).

3. Classe 5 (lì-) e classe 6 (mà-)

- **lìyèlè**_{cl.5} < (lì-éle) > **mèlè**cl.6 <(mà-èlè)
‘seio(s)’
- **lìyèmbé**_{cl.5} < (lì-émbe) > **mèmbè**cl.6 <(mà-émbè)
‘rola(s)’

Decorre, no singular, o processo de **semivocalização** palatal na resolução do hiato de vogais das quais a vogal nuclear [-rec +alt]/[i] do prefixo nominal encontra a vogal [-alt -bxo]/ [e] do tema nominal, ao passo que, no plural ocorre a **fusão** de duas vogais primárias, sendo uma [+bxo] do prefixo nominal e a outra [-rec +alt] do tema.

3. Classe 5 (lì-) e classe 6 (mà-)

O PN da classe 5 (lì-) pode realizar-se zero (Ø-), quando o mesmo se elide na totalidade.

- **tákò**_{cl.5} < (Ø-tákò) > **màtákò**cl.6 <(mà-tákò)

‘nádega(s)’

- **táfù**_{cl.5} < (Ø-táfù) > **màtáfù**cl.6 <(mà-táfù)
‘bochecha(s)’
- **pítò**_{cl.5} < (Ø-pítò) > **màpítò**cl.6 <(mà-pítò)
‘porta(s)’

Em geral, o apagamento do prefixo /li-/ é antes de consoantes alveolares oclusivas, líquidas e fricativas e palatais (t, p, l, s, sh, j, z). Entretanto, realizam o plural por substituição conforme os exemplos acima.

3. Classe 5 (lì-) e classe 6 (mà-)

Nestas mesmas classes 5 e 6, à semelhança do que acontece nas demais línguas Bantu, quando o radical nominal é da estrutura -CV, o processo obrigatório é o da **adição**, (cf. Langa 2013; Dimande e Chimbutane 2022).

- **lìmí**_{cl.5} < (lì-mí) > **màlímì**cl.6 <(mà+lì-mì) ‘língua(s)’
- **lìjì**_{cl.5} < (lì-jì) > **màlìjì**cl.6 <(mà+lì-jì) ‘voz(es)’
- **lìkó**_{cl.5} < (lì-kó) > **màlìkò**cl.6 <(mà+lì-mì) ‘leme(s)’

O plural é realizado por adição, isto é, o prefixo do singular é mantido junto do tema nominal na forma do plural sobretudo em nomes cujo tema nominal é de tipo -CV-, podendo haver exceção em cada língua.

4. Classe 7 (cì-) e classe 8 (y)ì-)

Morfologicamente, são classes mais estáveis, pois figuram entre os pares largamente encontrados em Bantu (Maho 1999, Katamba 2003). “Os seus prefixos não variam, isto é, o morfema e o alomorfe são idênticos em todos os contextos”, avança (Langa, 2013, p. 103).

- **cìmbúlù**_{cl.7} < (cì-mbúlù) > **ìmbúlù** <(ì-mbúlù)
‘camelo(s)’
- **cìkútò**_{cl.7} < (cì-kútò) > **ìkútò** <(ì-kútò) ‘camisa’

Sendo prefixos estáveis, observa-se a substituição. Há uma forma de alomorfe do singular:

- **cyòmbò**_{cl.7} <(cì-ómbò) > **yòmbò**cl.8 <(ì-ómbò)

‘javali(s)’

- $\text{cyàngà}_{\text{cl.7}} < (\text{cì-àngà}) > \text{yàngà}_{\text{cl.8}} < (\text{i-àngà})$
‘estiagem(ns)’

Observa-se que os alomorfes em classes 7 e 8 são idênticos aos seus morfemas, quando os ambientes fonológicos são criados, sendo que a classe 7 (cì-) apresentou a **semivocalização** palatal bem como a classe 8 (i-) onde a vogal /i/ resulta em [y] pelo processo de **semivocalização** considerando a vogal nuclear /i/.

5. Classe 9 (N-) e classe 10 (N-)

A semelhança dos prefixos destas classes leva vários estudiosos a procura do porquê. Maho (1999, p. 59) diz: “o prefixo singular desses nomes é muitas vezes o chamado nasal homorgânica N-, ou seja, uma nasal que se adota fonologicamente a uma consoante imediatamente seguinte”.

Katamba (1989) apresenta os critérios fonéticos para agrupar os dados destas classes, como se segue:

a) /N/ ---> [m]/ - [+bil]

- $\text{mbúngè}_{\text{cl.9}} < (\text{m-búngè}) > \text{m-búngè}_{\text{cl.10}}$
‘coração(ões)’
- $\text{mbóngè}_{\text{cl.9}} < (\text{m-bóngè}) > \text{m-bóngè}_{\text{cl.10}}$ ‘cidade(s)’

O /n/ é harmonizado com /b/, uma bilabial e é assim realizada com /m/ nasal bilabial.

- b. /N/---> [n]/- [+alv. +voz]
- $\text{ndéngò}_{\text{cl.9/10}} < (\text{n-déngò})$ ‘fruto(s) silvestre(s)’
- $\text{ndémbè}_{\text{cl.9/10}} < (\text{n-démbè})$ ‘espécie de peixe(s)’

É realizado como [n] quando precede uma obstruente alveolar, isto é, as formas da estrutura profunda e da superfície são muito parecidas.

A razão para isso é que “como /t, d, s, z, e l/ são todas consoantes alveolares, assim como /n/, então não há condição fonológica que force a mudança de /n/ a nível superficial da articulação desses sons em relação a /n/, é bastante natural (Irebemwangi, 2015).

c. /N/---> [ɲ]/ - [‘pal +voz]

- $\text{njékè}_{\text{cl.9/10}} < (\text{ɲ-jékè})$ ‘saco(s)’
- $\text{njóngo}_{\text{cl.9/10}} < (\text{ɲ-jóngò})$ ‘peso(s)’

- $\text{Njísò}_{\text{cl.9/10}} < (\text{ɲ-jísò})$ ‘rim(ns)’

/N/ é realizado [ɲ] no ambiente anterior a uma obstruente palatal.

Rosenthal (1989, p. 42) observa que “é uma consoante palatal e, portanto, a nasal aparece mais naturalmente no lugar de /n/ que é alveolar de vizinhança palatal”.

d. /N/ ---> [N]/ - [+velar +voz]

- $\text{Ngóma}_{\text{cl.9/10}} < (\text{N-gómà})$ ‘batuque(s)’
- $\text{Ngíndvù}_{\text{cl.9/10}} < (\text{N-gíndvù})$ ‘espécie de fruta(s) silvestre(s)’
- $\text{Ngúngà}_{\text{cl.9/10}} < (\text{N-gúngà})$ ‘sino(s)’

/N/ toma a realização de [N] quando é seguido por uma obstruente velar. O raciocínio aqui é que a articulação de /n/, nasal alveolar, no ambiente de precedente de obstruente velar é complexo portanto, o alveolar harmoniza-se com o velar levando a /N/, nasal velar consequentemente.

SÍNTESE: Classe 9 (N-) e classe 10 (N-)

- Parafraseando (Katamba, 1989), em Cokwe, nota-se quatro realizações da N: (i) é realizada [m] antes de a bilabial [b]; (ii) é realizada [n] antes de a alveolar [d]; (iii) é realizada [ɲ] antes de a palatal [ʒ] e, (iv) é pronunciada [N] antes de a velar [g]. Portanto, a N se consolida antes de essas consoantes (Ngunga 2000; Mangoya 2013). Também, observa-se que, em Cokwe, a nasal homorgânica assimila apenas as consoantes [+Voz] como demonstrado acima.

Classes 9 e 10 /N/---> [Ø]

a. /- [+asp ± bilab. -voz]

- $\text{phíngà}_{\text{cl.9/10}} < (\text{Ø-phíngà})$ ‘excremento(s)’
- $\text{phémbè}_{\text{cl.9/10}} < (\text{Ø-phémbè})$ ‘cabrito(s)’

b. /- [+Asp. ± alv. -voz]

- $\text{théndà}_{\text{cl.9/10}} < (\text{Ø-théndà})$ ‘munissão(ões)’
- $\text{thámbà}_{\text{cl.9/10}} < (\text{Ø-thámbà})$ ‘batata(s)-doce(s)’

c. /- [+Asp ± pal. -voz]

- $\text{chéngè}_{\text{cl.9/10}} < (\text{Ø-chéngè})$ ‘resíduo(s) de farinha’

- chíchì_{cl.9/10} < (Ø-chíchì) ‘semente’

d. /- [+Asp. ± vel. -voz]

- khúndà_{cl.9/10} < (Ø-khúndà) ‘baço(s)’
- khótà_{cl.9/10} < (Ø-khótà) ‘pescoço’

e. /- [+cont. -voz]

- shíli_{cl.9/10} < (Ø-shíli) ‘pecado’
- shímbì_{cl.9/10} < (Ø-shímbì) ‘lei’

Síntese sobre apagamento do /N/

- Em Cokwe, há apagamento da N- antes de consoantes oclusivas aspiradas [ph, th, ch, kh] e fricativa [ʃ]. Como se pode ver, o apagamento da nasal homorgânica é constante antes de as consoantes [+Asp].
- Segundo Ngunga (2000, p. 67), em geral, prevê-se que a nasal N não se apaga antes as consoantes vozeadas [b, d, g, ʒ] respectivamente bilabial, alveodental, palatal e velar. No sentido adverso, evocando a Lei de Meinhof (Ngunga 2000), em Cokwe a N apaga-se. Assim sistematiza-se de seguinte modo.

6. Classe 9 (N-) e Classe 6 (mà-)

- Os Bantuistas (Maho 1999; Katamba 2003) consideram o par entre os mais difundidos nas línguas Bantu. Em Cokwe, o prefixo da classe 9, para além do padrão que consiste em realizar o plural na classe 10, também a classe 9 faz o plural com a classe 6, quando os nomes em causa são, para além do plural, designativos de conjuntos de várias unidades, com os mesmos prefixos nominais N- e Ø-.
- ngómbò_{cl.9} < (N-gómbò) ‘adivinhação’
> màngómbò_{cl.6+9} < (mà-N-gómbò) ‘adivinhações’
- mbóji_{cl.9} < (m-bóji) ‘marimbondo’
> mà-m-bonji_{cl.6+9} < (mà-m-bóji) ‘marinbondos’
- péngè < (Ø-péngè) ‘bolso’
> màphéngè_{cl.6+9} < (mà-Ø-phéngè) ‘fendas’

- Khíngà (Ø-khíngà) ‘bicicleta’

> màkhíngà_{cl.6+9} < (mà-Ø-khíngà) ‘bicicletas’

Síntese: 9 (N-) e Classe 6 (mà-)

- Maho (1999, p. 60) refere que no processo de plural por adição, nesses tipos de nomes, mantem-se o prefixo do singular na forma do plural, a nível morfológico.
- Em Cokwe, também, esses nomes estão associados à ideia de grupo ou conjunto graças a pré-prefixação do (mà-) da classe 6. Assim, deve-se entender que nos exemplos, *màndóhò* ‘grupo de painéis’ enquanto *ndóhò*_{cl.9} para *ndóhò*_{cl.10} (N’ > N’) designa o plural normal, onde há dois ou três painéis.
- É nesse sentido que Taraldsen e Langa (2018) designam-nos, no plano semântico, de “nomes de grupo ou algo anormal”.

7. Classe 11 (lù-) e classe 10 (N-)

Os estudos de (Maho 1999, Katamba 2003, Ngunga 2004, 2014; Langa 2013) mencionam a classe 11 e a classe 10 como um par entre os mais difundidos nas línguas Bantu. Refere-se, em geral, a objectos cumpridos, outros seres, etc.

Em Cokwe, o prefixo (lù-) reparte-se em duas categorias de plural: nomes em 10 (N-) e outros em 10 (Ø-).

Em primeira instância, os nomes do plural com 10 (N-):

- lùmbúmà_{cl.11} < (lù-mbúmà) ‘manga’
> mbúmà_{cl.10} < (m-búmà) ‘mangas’
- lùmónò_{cl.11} < (lù-mónò) ‘azeitona’
> mónò_{cl.10} < (m-mónò) ‘azeitonas’

Os dados agrupam em (a) os nomes do singular com o prefixo nominal (lù-) da classe 11 e em (b) os nomes do plural com o prefixo (n-) da classe 10. Como sempre, a N mantém a assimilação sobre as primeiras consoantes de temas nominais, o que lhe torna ora bilabial, ora, alveolar, ora, palatal ou velar. Logo, o género 11/10 com os prefixos (lù- e N-) é o tido por pleno, entretanto, há

outro alomorfe do plural, o zero (Ø-).

Em primeira instância, os nomes do plural com 10 (N-):

- lùphácì_{cl.11} < (lù-phácì) ‘costela’
- > phácì_{cl.10} < (Ø-phácì) ‘costelas’
- lùkhámbu_{cl.11} < (lù-khámbù) ‘cabelo (fio de)’
- > khámbù_{cl.10} < (Ø-khámbù) ‘cabelos’

As consoantes aspiradas, fricativas e líquida apagam o prefixo do plural /n-/ da classe 10, isto é, são casos em que a consoante inicial do tema nominal é [+cont] e o prefixo fica zero. Do acima observado, os nomes têm o singular em classe 11 (lù-) enquanto o plural é expresso com a classe 10 (Ø-). Esses nomes processam seu plural por substituição, porque a estrutura do tema, em geral, é a -CVCV-.

8. Classe 11 (lù-) e classe 6 (mà-)

- Este par é considerado como confuso mesmo na sua distribuição. “Apesar de ser uma das distribuições mais ampla nas línguas Bantu mas é a menos produtiva”, (Maho, 1999:180).
- lùmbá_{cl.11} < (lù-mbá) ‘hérnia’
- > màlúmbà_{cl.6+11} < (mà-lú-mbà) ‘hérnias’
- lùpúlà_{cl.11} < (lù-púlà) ‘traje real’,
- > màlúpúlà_{cl.6+11} < (mà-lú-púlà) ‘trajes reais’

Esses nomes realizam o plural na classe 6 recorrendo ao processo de adição. O critério da estrutura não é tido em conta nesta língua, pois todos os nomes quer sejam da estrutura -CV-, quer sejam da estrutura -CVCV-.

9. Classe 12 (kà-) e Classe 13 (tvù-)

Em geral, os prefixos das classes 12 e 13 não existem em todas as línguas Bantu (Maho, 1999). Nas poucas línguas em que são encontrados, eles podem identificar semanticamente os avaliativos do singular e plural.

- kàphámbà_{cl.12} < (kà-phámbà) ‘enxada’
- > tvùphámba_{cl.13} < (tvù-phámba) ‘enxadas’
- kàsákwà_{cl.12} < (kà-sákwà) ‘bergela’

- > tvùsákwà_{cl.13} < (tvù-sákwà) ‘bergelas’

Morfologicamente são prefixos muito estáveis, porém podendo aparecer um alomorfe do plural (tvw-) antes dos temas vocálicos. Assim o encontro das *vv, ou seja, (u > w) resolvendo o hiato por semivocalização.

9. Classe 12 (kà-) e Classe 13 (tvù-)

- kàkàmacà_{cl.12+12} < (kà-kà-máca) ‘tomate pequeno’
- > tvùtvùmacà_{cl.13+13} < (tvù-tvù-mácà) ‘pequenos tomates’
- kàmùkwézè_{cl.12+1} < (kà-mù-kwézè) ‘rapazito’
- tvwàkwézè_{cl.13+13} < (tvù-à-kwézè) ‘rapazitos’

O valor avaliativo reside na função secundária desses prefixos (Ngunga, 2014) e bem como Maho (1999, p. 88) referindo-se à ‘classificação secundária dos prefixos’, que é inerente a muitos sistemas de classes de nomes em Bantu.

10. Classe 14 (ù-) e Classe 6 (mà-)

- Vários estudiosos de classes nominais em Bantu, (Guthrie 1967-71, Maho 1999a, Ngunga 2002, Langa 2013), apresentam o prefixo da classe 14 (b)ù-) sem variações. O prefixo da classe 14 (ù-) indica o singular e o prefixo de classe 6 é seu plural.
- ùmbú_{cl.14} < (ù-mbú) ‘buraco armadilhado’
- > màwùmbú_{cl.14+6} < (mà-wù-mbú) ‘buracos armadilhados’
- ùwá_{cl.14} < (ù-wá) ‘cogumelo’
- > màwùwá_{cl.14+6} < (mà-wù-wá) ‘cogumelos’

11. Classe 15 (kù-) e Classe 6 (mà-)

- Mesmo se em geral o prefixo de classe 15 é conhecido como o de infinitivo em muitas línguas Bantu (Guthrie 1967/71; Langa 2013), mas é também de nomes verbais (Ngunga 2014). O Cokwe não foge à regra e tem o prefixo da classe 15, em primeiro lugar para a função de infinitivos verbais e, em segundo lugar, o género como singular da classe 6 para o plural.
- kù-pómbà ‘dormir’, kw-òndà ‘oferecer’
- kù-lúlikà ‘reparar’, kù-sémà ‘procriar’

11. Classe 15 (kù-) e Classe 6 (mà-)

Entretanto, o prefixo da classe 15 pode estar em vários nomes com plural em classe 6, como se mostra abaixo:

- kùndvwà_{cl.15} <(kù-ndvwà) ‘moela’
- > màkùndvwà_{cl.6+15} <(mà-kù-ndvwà) ‘moelas’
- kùpú_{cl.15} <(kù-pú) ‘pele polido’
- > màkùpú_{cl.6+15} <(mà-kù-pú) ‘peles polidos’

O plural por adição de prefixos é o mais produtivo, nesta classe, corroborando Maho (1999).

As classes locativas constituem um caso típico de classificação secundária, pelo menos nas línguas onde são produtivas (Maho, 1999, p. 88). É com Welmers (1973, p. 167) que se sabe que são “os prefixos que podem aparecer antes ou além de outros prefixos, com nomes referentes aos lugares”.

- 1. Prefixo da classe 16 (há-)
- > háfúlumbà_{cl.16+9} <(há-Ø-fúlumbà) ‘por cima do tecto’
- 2. Prefixo da Classe 17 (kú-)
- > kúlwìji_{cl.17+11} <(kú-lù-íji) ‘para o rio’
- 3. Prefixo da Classe 18 (mú-)
- > múkànwà_{cl.18+12} <(mú-kà-nwà) ‘na boca’

12. Prefixos de classes locativas

As classes locativas constituem um caso típico de classificação secundária, pelo menos nas línguas onde são produtivas (Maho, 1999, p. 88). É com Welmers (1973, p. 167) que se sabe que são “os prefixos que podem aparecer antes ou além de outros prefixos, com nomes referentes aos lugares”.

- 1. Prefixo da classe 16 (há-)
- > háfúlumbà_{cl.16+9} <(há-Ø-fúlumbà) ‘por cima do tecto’
- 2. Prefixo da Classe 17 (kú-)
- > kúlwìji_{cl.17+11} <(kú-lù-íji) ‘para o rio’
- 3. Prefixo da Classe 18 (mú-)

> múkànwà_{cl.18+12} <(mú-kà-nwà) ‘na boca

Sistematização de géneros em Cokwe

1-----	2
3-----	4
5-----	6
7-----	8
6-----	6
9-----	10
11-----	6
11-----	10
12-----	13
14 -----	6
15-----	6
Locativas: 16, 17, 18	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A teoria da morfologia e fonologia lexical (Kiparsy, 1982, Mutaka e Tamanji, 2000) privilegia os processos fonológicos para explicar a existência de alomorfes por classes de prefixos.
- Maho (1999a) alerta que não é possível encarar os prefixos nominais apenas a nível semântico como os precursores de estudo dessas línguas.
- Os sistemas de classes e prefixos em Bantu podem variar de uma língua a outra sendo que umas têm um sistema amplo e as outras um sistema reduzido.
- O Cokwe e as outras LB de Angola são do sistema pleno, isto é, de 18 prefixos.

ALGUMAS REFERÊNCIAS

- Mutaka, Ng. 1994. *The lexical tonology of kinande*. Muenchen, New Castle: Lincom Europa.

- Mutaka, Ng. e Tamanji, Ng. (2000). *An Introduction to African Linguistics*. Muenchen, Lincom Europa.
- Mangoya, E. (2013). *Segmental Phonology of Barwe with some articulatory phonetics*. Coleção: As Nossas Línguas IX. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)- UEM.
- Ngunga A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A. (2000). *Phonology and morphology of the Ciyao verb*. Stanford: CSLI Publications.
- Maho, J. F. (1999a). *A Comparative Study of Bantu Languages* (Orientalia et Africana Gothenburgensia 15). Gothenburg: Acta Universitatis Gothenburgensis.
- Rosenthal, Samuel. (1989). *The Phonology of Nasal-Obstruent Sequences*. Graduate Study of Linguistics. Faculty of Graduate Studies and Research, Department of Linguistics McGill University Montreal, Quebec.

MUTTÍSSIMO OBRIGADO PELA ATENÇÃO!

KUSAKWILA CINJI!

NTONDELE KYA INGI!

NDAPANDULA CALWA!

NGASAKIDILA KYAVULU!



O KIMBUNDU E OS 50 ANOS DA INDEPENDÊNCIA: AVANÇOS E RECUOS

Miguel Lubwatu

INTRODUÇÃO

a) Origem do Povo Ambundu

Sobre a origem do povo Ambundu ou dos Akwa Kimbundu, muitas dúvidas são levantadas quanto a sua verdadeira génese. Todavia, as hipóteses mais consistentes apontam que este povo provém da Grande família Níger – Cordofânea, vinda a Sul do Equador, na fronteira entre a Nigéria e os Camarões.

O povo ambundu é também chamado de Bantu, que é uma das características das línguas faladas pelos povos da África Central, e da África Austral. que, nas suas línguas, a pessoa é chamada de ntu, como é o caso da língua Kimbundu que trata o ser humana como muthu para o singular e athu para o plural.

Quanto a presença do povo ambundu no actual território angolano, QUIPUNGO (2003:20-24 afirma que a presença do povo ambundu no actual território data do século X, ano 989 AC. Ngana Kilwanji e Mbanza Samba, liderando a peregrinação de um grupo de homens e mulheres, partiram dos Grandes Lagos em busca de novos ares, novas terras férteis e calmas na parte Ocidental de África Austral.

b) Descrição da Língua Kimbundu

O povo ambundu fala a língua Kimbundu. A palavra Kimbundu ou Mbundu significa: negro ou nevoeiro. Actualmente, o Kimbundu, assim como as outras línguas bantu faladas neste território, faz parte das demais línguas faladas em Angola ou das línguas angolanas de origem africana, como se pode ler no Artigo 19 da Constituição de Angola, bem como na Proposta de Lei das Línguas de Angola.

A quase inexistência de estudos dialectológicos feitos em Kimbundu faz com que até hoje se desconheça o número exacto de quantos dialectos constituem esta língua. Dos poucos estudos que existem, cada autor apresenta dados diferentes.

Fernandes e Ntongo (2002:44) afirmam que o Kimbundu tem 11 dialectos. Kukanda (2013:72) não é da mesma opinião. Para o autor, esta língua tem «mais ou menos 21 variantes».

Quanto a isto, podemos destacar aqui algumas variantes desta língua, como título de exemplo: «Lenge ou Niinga, Mbaka, Holo, Ndongo, Kisama, Mbangala, Ndembu, Ngoya ou Libolo, Nkari, Songo, Hungu, Luanda».

Actualmente, de acordo com o Censo realizado em 2014, o Kimbundu é uma língua falada por cerca de 7,8 % do povo ambundu que habita no centro norte do território angolano, nas províncias de Malanje, Kwanza Norte, Norte do Kwanza Sul, Bengo, Luanda e agora Icolo e Bengo.

De acordo com os critérios de classificação das línguas Bantu por zonas, feita por Malcolm Guthrie, o Kimbundu pertence a Zona H 20.

0.1. A língua Kimbundu e os 50 anos da Independência de Angola.

Antes mesmo de mergulharmos sobre este tipo de debate, a história impõem-nos a recuar para um período antes da nossa independência para sabermos qual era o lugar do Kimbundu nesta época.

0.2. O Kimbundu como Factor de Afirmação Cultural e Resistência.

Durante a luta pela independência, o uso do Kimbundu foi uma forma de resistência cultural ao colonialismo português, que impunha o português como a única língua legítima, menosprezando o Kimbundu e outras línguas bantu como sendo línguas de cães.

0.3. Presença do Kimbundu na Mobilização Popular nos Movimentos de Libertação

Muitos dos discursos de mobilização e sensibilização durante a luta armada (principalmente no norte e centro-norte de Angola) foram feitos em Kimbundu.

Líderes dos movimentos nacionalistas e guerrilheiros usavam o Kimbundu para chegar ao povo rural, que não falava português. O Kimbundu era uma língua de articulação entre militantes, combatentes e camponeses, facilitando a organização social em territórios libertados.

Muitos dos militantes e líderes do MPLA e de outras forças políticas eram falantes nativos do Kimbundu. O MPLA, com forte base no centro-norte e em Luanda, usava frequentemente o Kimbundu em contactos com a base popular.

0.4. Cultura e Propaganda Revolucionária

Músicas de protesto, poemas e discursos políticos foram compostos em Kimbundu para inspirar a população e difundir ideias anticoloniais como: Kaphutu mwa ngole, wandala kutujiba; Monangamba; ndenu, ndenu ku ixi yenu, njila jyojikule e outros de músicos e nacionalistas angolanos.

Neste período de colonização, segundo Mirela Gonçalves (2025), “foram levados na condição de escravos para o Brasil, aproximadamente, 4 milhões de ambundu, deixando o território dos Ngola totalmente vazio. O Kimbundu passou a ser uma língua franca em alguns portos do Brasil.”

O Decreto 77, do então Governador da Colónia Portuguesa Norton de Matos, proibia o uso das línguas nacionais, com excepção no ensino de catequese. Este decreto produziu muitos assimilados ambundu e quem ousasse falar Kimbundu na escola lhe era pendurado ao pescoço uma tábua escrita: Burro ou Burra e era hu-

milhado diante de todos.

0.5. Período Pós-Independência

Após a independência e sobre os avanços e recuos da língua nacional Kimbundu ao longo dos 50 anos de Independência de Angola, nota-se aqui a intenção de se replicar as acções negativas de Norton de Matos que proibia o uso das línguas nacionais no Artigo 77, quando lemos o Artigo 19.º (Línguas) da Constituição de Angola, nos seus pontos 1 e 2, que afirmam o seguinte:

1. A língua oficial da República de Angola é o português.

2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

A palavra demais, se for usada como pronome indefinido, pode significar: as outras ou restantes. Restante é resto, aquilo que sobra. A partir deste artigo, o Kimbundu passou também a pertencer nas demais línguas.

Neste âmbito, o Director do Instituto de Línguas Nacionais, José Domingos Pedro (2025), afirmou, neste ano, no programa “Manhãs de Prosa,” da Rádio Cultura Angola, que “durante os 50 anos de Independência de Angola, não houve avanços nem recuos das línguas nacionais. O que se constata é uma estagnação, pois quase que nada foi feito de forma eficaz para o desenvolvimento destas línguas.”

0.6. A Presença do Kimbundu na Ciência e no Ensino.

Após a independência de Angola, há pouca

presença do Kimbundu em publicações científicas ou terminologia técnica. Há esforços isolados de tradução de termos científicos, mas sem políticas consistentes.

Após a independência, houve tentativas de valorização das línguas nacionais, incluindo o Kimbundu, nos currículos escolares, mas a implementação foi irregular. actualmente, o Kimbundu é ensinado em algumas escolas, mas ainda não tem uma presença massiva.

0.7. A Presença do Kimbundu nas Artes

Quanto às artes, após a independência não houve produção de filmes, documentários, programas de entretenimentos feitos somente em Kimbundu.

Fora das narrativas da ancestralidade, pouco ou nada se vê sobre publicações de novelas, contos, romances, poesia exclusivamente em Kimbundu. Para não falar que não conheço nenhum membro da União dos Escritores Angolanos que escreve somente em Kimbundu ou prémio de Kimbundu a nível das artes.

0.8. A Presença do Kimbundu na Música

Após a independência, a música tem sido a principal fonte de preservação desta língua. O Kimbundu é amplamente usado na música angolana (semba, kizomba, kuduro, música gospel). Artistas como Bonga, Bangão, Ndenge do Kota Duro, Tunjila Twajikota, Disbunda e outros têm o

Kimbundu como o principal veículo de difusão das suas artes musicais.

0.9. A Presença do Kimbundu na Religião

A religião é também uma das principais fontes de preservação não só do Kimbundu, mas também de outras línguas nacionais. Há inclusive uma Sociedade Bíblica que se ocupa em traduzir a Bíblia Sagrada e outros meios de carácter religioso em todas as línguas nacionais. Algumas igrejas como: a Católica, Sétimo Dia, as Protestantes e outras realizam algumas missas e cultos em Kimbundu, principalmente em áreas rurais, além dos seus louvores que chegam a viralizar nas redes sociais.

0.10. A Presença do Kimbundu na Comunicação Social

Alguns órgãos de comunicação social têm sido fontes de preservação e difusão das línguas nacionais. Aqui a destacar a Rádio Ngola Yetu – que passa todas as suas actividades em línguas nacionais; a TPA – que em algumas instâncias coloca em paralelo as línguas nacionais e o português, no caso do programa Bom dia Angola.

0.11. A Presença do Kimbundu nos órgãos castrenses

Quanto aos órgãos castrenses, temos aqui a destacar a Polícia Nacional que faz o uso do Kimbundu para informar a população ambundu sobre a ocorrência das últimas 24 horas no programa Balumuka, da Rádio Luanda, assim como dar nomes às suas operações como: Operação Kutululuka.

0.12. A Presença do Kimbundu nas instituições públicas e privadas

Após a independência, é visível e notório a quase inexistência ou mesmo inexistência do uso do Kimbundu na Assembleia Nacional, nos hospitais, bancos, supermercados, tribunais, mas aqui a destacar uma atitude positiva do Tribunal Constitucional por ter solicitado, iniciativa própria, tradução da Constituição de Angola em 8 línguas nacionais, inclusive o Kimbundu.

0.13. A Presença do Kimbundu na Política

Após a independência: O português permaneceu como língua oficial, mas o Kimbundu é usado em campanhas políticas para alcançar as massas. Actualmente, alguns políticos usam o Kimbundu em discursos, mas não há uma política linguística forte para a sua oficialização.

0.14. Número de Falantes

Antes da independência, a maioria da população rural falava Kimbundu como língua materna. Depois da Independência, a urbanização e migrações reduziram o número de falantes nativos, especialmente entre jovens. Actualmente, estima-se que cerca de 3-4 milhões de pessoas falem Kimbundu, mas muitos são bilingues (Kimbundu + Português).

0.15. Conclusão

O Kimbundu sobrevive fortemente na cultura popular, especialmente na música e na oralidade, mas enfrenta desafios no ensino, administração e ciência. Se Angola implementar políticas linguísticas mais ro-

bustas e inclusivas, a sua oficialização, maior presença na mídia e educação, o Kimbundu pode ter um futuro promissor. Caso contrário, corre o risco de se tornar uma língua cada vez mais restrita a contextos informais e simbólicos.





MULTIFUNCIONALIDADE DO MORFEMA (KA-) PREFIXADO NO LÉXICO DAS LÍNGUAS ANGOLANAS

Me. Reinaldo João Tomás

Resumo
(objectivos, métodos, resultados, discussão, conclusões)

As convenções de âmbito científico têm como cunho principal a regulação e uniformização funcional de preceitos, com vista a se evitarem confusões e derivas na aplicação prática de tais preceitos, ou seja, o uso de uma norma. Com base nisso, pode-se constatar que a maioria das línguas já gramaticadas possuem o seu alfabeto e concomitantemente a sua ortografia. Quando se aplicam grafemas correspondentes aos sons de certas línguas ao contrário daquilo que é convencionalmente estabelecido, incorre-se a erros ou desvios ortográficos que podem reflectir-se nas descrições dos níveis morfológico e semântico, etc. O morfema (ka-) prefixado ou não aos vários lexemas das línguas bantu e que, erroneamente, o aportuguesamento verte para (ca-) é um exemplo dessa confusão e deriva, sendo motivo de um esclarecimento apropriado. Este artigo tem como objectivo demonstrar as diferentes facetas do (ka-) nas

palavras a ele inerentes, com o intuito de se tirarem todas dúvidas e omissões que ainda persistem em torno da sua aplicação gráfica. Palavras-chaves: multifuncionalidade, morfema (ka-), léxico.

INTRODUÇÃO

A Política Linguística de Angola consagra a língua portuguesa e algumas línguas nativas do território como – as línguas angolanas. Essas línguas devido a sua prolongada coabitação sofreram interferências mútuas a vários níveis como o fonético, morfológico, sintáctico, semântico, etc. Em vários casos e no quotidiano das populações, muitas palavras e expressões da oralidade e da escrita demonstram as mais vívidas marcas que evidenciam essa coabitação.

A Linguística Bantu ao lado de outros campos do saber tem os seus princípios e métodos alicerçados na ciência e na técnica, os quais devem ser tidos em conta em relação às línguas que lhe dizem respeito.

No quadro desse convívio secular entre as duas famílias linguísticas, ou seja, língua portuguesa com as línguas bantu e por razões

históricas, surgiu o aportuguesamento que é o “fenómeno que consiste em adaptar fonológica e morfológicamente, os estrangeirismos lexicais ao português” (CAMARA JR. 2009, p. 67).

Esse fenómeno interferente, pelo que se tem constatado, é o responsável pela distorção ortográfica que se verifica nas línguas bantu, mormente as de Angola. Cahama, cahango, calandula, catete, caconda, cangamba camutu, cazenga, calunga, etc, são casos exemplificativos de tal fenómeno.

Segundo DUBOIS et al. (2006, p. 219), um morfema;

1. É uma parte de uma palavra ou de um sintagma que indica a função gramatical no enunciado [...].
2. [...]...designa o menor elemento significativo individualizado num enunciado, que não se pode dividir em unidades menores sem passar ao nível fonológico...[...].

Segundo CAMARA JR. (2009, p. 211),

Classe	Prefixo	Exemplo
1	mu-; n-; omu-; mo-	mwana, nloki, muthudi, omanu...
2	a-; ba-; ova-; wa-; oma-;va-	bana, aloki, athudi, ovanu...
3	mu-; omu-; mo-	mukila, musofi...
4	mi-; n-; omi-	mikila, misofi...
5	di-; li-; ri-; i-; e-	divangu, dikalu, dihonjo...
6	ma-; a-; ba-; va-	mavangu, makalu, mahonjo...
7	ki-; oci-; ci-; oshi-; si-; gi-; shi-; e-	kitadi, kilombo, ocimboto...
8	i-; yi-; bi-; v-; oyi-	itadi, yilombo, ovimboto...
9	m-; n-; Ø-; i-; on-	ngulu, mboma...
10	m-; n-; ji-; zi-; Ø-; lo-; a-	jingulu, jimboma...
11	lu-; lo-; olu-; ru-; du-	lumpangu, lulaka...
12	ka-	katito, kashitu, katwendi, katwejiya...
13	tu-; kw-	tumpangu, tumpangu...
14	bu-; owu-; wu-; u-	ulamba, bumputu, ukwahamba...
15	ku-; ko-; oku-; gu-; ru-	kumengana, okupiluka, kutonoka...
16	na-; pa-; bhu-; va-	bhutandu, vakanda...
17	ku-; ko-; po-; vu-	kulumbu, konima...
18	mu-; mo-;vo-	mungenga, mumenya...
19	bi-; fi-	bimwana, finsusu...

Quadro nº 01: Prefixos de classe das línguas bantu de Angola Podem ser espelhados no quadro abaixo.

Definição de conceitos

Multifuncionalidade – condição do que reúne ou desempenha diversas funções.

Léxico - designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma actividade humana, de um locutor, etc. As unidades do léxico são os lexemas. O termo léxico é reservado, geralmente, à língua e o termo vocabulário ao discurso. O conjunto de vocábulos de que dispõe uma dada língua, meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação linguística.

“
A Linguística Bantu
ao lado de outros cam-
pos do saber tem os
seus princípios e mé-
todos alicerçados na
ciência e na técnica.

um morfema é o elemento formal que se combina com o semantema, constituindo um mecanismo gramatical por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação linguística.

Como forma linguística, o morfema tem um significante (o material fónico) e um significado, que é a noção gramatical que ele traz para o semantema.

1. Características gerais das línguas angolanas (bantu)

Segundo MINGAS (2002, p.739), “os nomes são caracterizados por prefixos que indicam o singular e o plural. O número de classes, segundo estudos actuais sobre algumas línguas de cada uma das três zonas linguísticas, estabelece-se à volta de 18 classes”.

No entanto, a classe 15 é verbo-nominal, reunindo nela nomes e verbos. As classes 16, 17 e 18 são classes locativas e indicam a superfície, a direcção, a interioridade. Os nomes são classificados em função dos seus prefixos do singular e plural. A classe 19 indica os diminutivos em kikongo.

Grupos etnolinguísticos de Angola

Angola é um mosaico etnolinguístico e cultural composto por vários grupos e sub-grupos que são: os Bakongo, os Ambundu, os Cokwe, os Ovimbundu, os Vangangela, os Ovanyaneka-nkhumbi, os Ovahellelo, os Ovakwanyama ou Ovambo, os Ovandon-ga, os Hotentotes e os Vatwa, estes últimos não pertencentes ao grupo bantu.

As línguas faladas por estes grupos e sub-grupos correspondem a designação da respectiva etnia, e nelas várias palavras e termos apresentam o morfema (ka-) prefixado às palavras.

Zonas linguísticas de Angola

Segundo Malcolm Guthrie, Angola possui três zonas linguísticas:

- Zona H compreende a região Norte;
- Zona K compreende a região Leste;
- Zona R compreende a região Centro-sul.

Os autóctones destas zonas falam as línguas correspondentes aos seus grupos étnicos.

- Zona H } kikongo, kimbundu.
- Zona K } cokwe, ngangela.
- Zona R } umbundu,
olunyaneka-nkhumbi, ocihellelo,
ocikwanyama, ocindonga.

2.A natureza do morfema (ka-) prefixado

Em termos de natureza, o morfema (ka-) entra em várias classes de palavras tais como verbos, nomes, pronomes pessoais e possessivos, numerais, partículas de ligação, etc. Localiza-se na posição inicial da palavra como (prefixo). Também pode tomar diferentes características morfológicas passando a se destacar geralmente como PN (prefixo nominal primário ou secundário), verbal, índices, infixo, pronominal, outros morfemas e, às vezes, como meras sílabas, etc.

As línguas faladas por estes grupos e sub-grupos correspondem a designação da respectiva etnia, e nelas várias palavras e termos apresentam o morfema (ka-) prefixado às palavras.

Zonas linguísticas de Angola

Segundo Malcolm Guthrie, Angola possui três zonas linguísticas:

- Zona H compreende a região Norte;
- Zona K compreende a região Leste;
- Zona R compreende a região Centro-sul.

Os autóctones destas zonas falam as línguas correspondentes aos seus grupos étnicos.

- Zona H } kikongo, kimbundu.
- Zona K } cokwe, ngangela.
- Zona R } umbundu,
olunyaneka-nkhumbi, ocihellelo,
ocikwanyama, ocindonga.

2.A natureza do morfema (ka-) prefixado

Em termos de natureza, o morfema (ka-) entra em várias classes de palavras tais como verbos, nomes, pronomes pessoais e possessivos, numerais, partículas de ligação, etc. Localiza-se na posição inicial da palavra como (prefixo). Também pode tomar diferentes características morfológicas passando a se destacar geralmente como PN (prefixo nominal primário ou secundário), verbal, índices, infixo, pronominal, outros morfemas e, às vezes, como meras sílabas, etc.

Assim, o morfema (**ka-**) é audível e visível. No aportuguesamento é comumente grafado e vertido para (**ca-**), devido a semelhanças articulatórias existentes na sua produção (significante).

A partícula (**ca-**) sílaba ou partícula aportuguesada pode ser considerada, se bem entendermos, como uma unidade silábica inicial ou um morfema em qualquer sílaba como um mero significante, visto que o grafema (**c**) que entra na estrutura da mesma, apresenta valores fonéticos distintos nas duas famílias linguísticas em questão. O (**c**) tem a realização fonética de [tchê] nas línguas bantu, enquanto na língua portuguesa tem realizações fonéticas ambivalentes na presença de determinadas vogais, podendo ser palatal (caco) ou dental (cesto).

Neste caso, a sílaba (**ca-**) tem a correspondência fonética de [ká] já que a consoante (**c**) palatal é precedida da vogal central (**a**).

O morfema (**ka-**) está presente em todas as línguas bantu de Angola,

pronuncia-se e se escreve da mesma forma, contudo tem diferentes aceções.

As realidades em que este morfema pode ser encontrado são:

- **Topónimos:** O (**ka-**) prefixado está presente em nomes de localidades: **Kaxitu**, **Kangola**, **Kangandala**, **Kayimbambu**, **Kakenge**, **Kamabatela**, etc;
- Posse: **kamabaya** (dono de madeiras);
- **Antropónimos:** Em nomes de pessoas: **Kasoma**, **Kasule**,

Kangamba, **Kalweji**, **Kativa**, **Kamalandwa**, etc;

- **Numeral:** Em números: **kamoxi**, **kayadi**, **katatu**, etc;
- **Diminutivo:** quando se trata do grau diminutivo ou pejorativo:

kamona, **katitu**, **kangulu**, **kakima**, etc;

- **Forma conectiva possessiva** (olunyaneka): **kange**;
- **Forma conectiva demonstrativa** (olunyaneka): **kana**;
- **Negação:** quando entra em palavras deverbativas: **kandi**, **kalwendiko**, **kakwete**, **kaciteya**, **katwende**, **kangyenda**, etc.;

- **Pronome pessoal** (kikongo): ex.: mbongo **kazolele** (ele quer dinheiro);

mavuta **kadidi** (ele comeu batata doce), **kalunga** (verbo), etc.;

- **Sílaba ou simples morfema em vários lexemas:** masaka, waposoka, lukawu, kikasa, kapalanka, hikandwa, nkaka, etc.

3. As funções do morfema (ka-) na análise morfológica

Para uma melhor compreensão das funções do morfema (**ka-**) prefixado às palavras é necessário, antes de mais, termos conhecimento lexical dos enunciados, ou seja, o conhecimento da língua em estudo é um factor sine qua non, que permite saber de antemão, se a palavra a analisar é de procedência nominal, verbal ou de outras classes gramaticais.

Assim, neste trabalho, na análise morfológica, vai se considerar, especialmente, dois critérios de classificação tendo em conta; palavras denominativas e palavras deverbativas.

Neste estudo apenas vai considerar-se o morfema (**ka-**) prefixado às palavras das línguas bantu de Angola nos nomes e verbos, e não em outras posições morfe-máticas.

1.1. Nas palavras denominativas

Compreendem (substantivos, adjectivos, advérbios, numerais, pronomes, etc.). Nesses enunciados, o morfema (**ka-**) prefixado, aparece como um morfema classificado como Prefixo Nominal de Classe 12, que indica os diminutivos, afectivos, pejorativos e outras realidades. Também pode ser Relativo de classe em (conectivos, pronomes e numerais).

Língua	Enunciado	Tradução
Kikongo	k a k i m a	coisa pequena ou coisa insignificante...
	kangulu	leitão
Kimbundu	kamona	criancinha
	kamoxi	numeral
Umbundu	kasoma	pequeno soba
	kafeka	pequeno país
	kacimboto	sapinho
Cokwe	kalwiji	riacho
	kapembe	cabritinho
Olunyaneka-humbi	okamuti	pequena árvore
	okakâyi	mulher pequena
	kana	aquele, criança...
	kange	minha... criancinha, coisinha...
Ocikwanyama	katemba	pequeno bebedouro de bovinos
	okapundi	pequena cadeira

Exemplo:

kakima	kamoxi	kafeka
ka– kima	ka– moxi	ka– feka
/PNcl12- TN/	/PNcl12 –TN/	/PNcl12-TN/
okakayi	okapundi	kacimboto
o-ka-kayi	o-ka-pundi	ka-ci-mboto
/Aum-PNcl12-TN/	/Aum-PNcl12-TN/	/PPrcl12-PNcl7- TN/

1.1. Nas palavras deverbativas

Quando se trata da classe dos verbos e suas flexões, o morfema (ka-) nelas prefixadas, geralmente, é classificado como um Prefixo- negador na estrutura das palavras ou nas palavras-frases.

Língua	Enunciado	Tradução
Kikongo	kamalandwa	não interessam, não considere...
	katuzeyeko	não sabemos
Kimbundu	katena	não pode
	kamumona	não vê
Umbundu	kalingi	não faz
	katava	não aceita
Cokwe	kacikwimba	não canta
	kacikukalakala	não trabalha
Olunyaneka-humbi	kakembi	não está mentir
	katwende	não vamos
Ocikwanyama	katili	não teme
	kakeci	não sabe

Quadro 3 – Negador em deverbativos

Exemplos de análise morfológica:

katuzeyeko	katena
ka -tu-zey-e-ko	ka -ten-a
/Neg.-In.-TV-Fin.-P.Fin./Neg/	/Neg.-TV- Fin/
kamalandwa	kacikwimba
ka -ma-land-u-a	ka -ci-ku-imb-a
/Neg.-In.TV-Ext-Fin/	/Neg.-In.-PNcl15-TV-Fin/

kakembi	katili	kalingi
ka -kemb-i	ka -til-i	ka -ling-i
/Neg.-TV-Fin./	/Neg.-TV-Fin/	/Neg.-TV-Fin/

A realidade fundamentada na Linguística Bantu demonstra que, quando se grafa a sílaba (**ca-**) em vez do morfema ou sílaba (**ka-**) nas diversas posições de palavras de origem bantu:

- Incorre-se em erros ortográficos por-que (**ca-**) é dissemelhante de (**ka-**), as-semelhando-se apenas na articulação fónica, ou seja, no significante;
- O uso incorrecto desse morfema oca-siona amputação ou esvaziamento do conteúdo semântico do enunciado;
- Esse uso incorrecto inibe, descarac-teriza e inviabiliza a descrição morfo-lógica baseada no Sistema de Classes;
- O uso incorrecto inviabiliza o sistema de concordância na estrutura frásica.

Além das realidades acima verificadas, é possível que possam existir, nas diversas línguas de Angola, enunciados cujo morfe-ma (**ka-**) prefixado, exerça outras funções ao nível morfológico.

O (**ka-**) também pode posicionar-se como infix (-**ka-**) ou sufixo (-**ka**) nas palavras, mas sem uma função gramatical especifi-camente de realce, permanecendo apenas como unidade silábica.

1. Estudo contrastivo entre (ca-) e (ka-)
- Os dois elementos ou partículas em desta-que, neste estudo, podem ser apresentados no seguinte quadro comparativo:

Palavras			
Língua Portuguesa (Ca-)	Função Sílabas	Língua Bantu (Ka-)	Função Morfema
camalandua	ca-	kamalandwa	ka-
camoxi	ca-	kamoxi	ka-
cacimboto	ca-	kacimboto	ka-
catena	ca-	katena	ka-
catuendi	ca-	katwendi	ka-
camama	ca-	kamama	ka-
cateca	-ca	kateka	-
cacassa	-ca-	kakasa	-

Quadro 4 – Funções de ca- vs. ka-

CONCLUSÃO

Assim se pode distinguir sílabas e morfemas nas palavras e concluir que:

Sílabas- São fonemas emitidos de uma só vez, percebidas facilmente quando se fazem exercícios de separação silábica, e se dividem as palavras conforme elas são pronunciadas.

Morfemas- Unidades ou elementos de significação que formam as palavras, bem como alteram o seu significado.

Quando o (ca-) prefixal é aportuguesado vai considerar-se como uma simples sílaba na palavra correspondendo a um elemento fónico, e quando o (ka-) é bantuizado vai representar-se como morfema que reflecte negação, diminuição, pejoração ou outras realizações nas palavras.

Assim, no quadro da valorização e harmonização das línguas angolanas,

Assim, no quadro da valorização e harmonização das línguas angolanas, auguramos que o país através das instâncias vocacionadas para o efeito, possa criar diplomas apropriados no sentido de promover e adoptar a real ortografia das línguas angolanas de origem africana no intuito de devolver a sua autenticidade, apartando-se do aportuguesamento de que tem sido vítima ao longo dos séculos.



BIBLIOGRAFIA

DA SILVA, Sérgio Felisberto, Estudo do Morfema (ka-) nas Línguas de Angola - Posições, Funções e Significado, Luanda, FLUAN, 2016.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso, Dicionário de Linguística e Gramática, Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

DUBOIS, Jean et al., Dicionário de Linguística, São Paulo, Cultrix, 2006.

MINGAS, Amélia, Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda, Luanda, Editora e Livraria o Caxinde, 2000.

TOMÁS, Reinaldo João, Subsídios sobre o Aportuguesamento Ortográfico dos Antropónimos Bantu-Um Contributo para a Normalização das Línguas Angolanas, Beeston Nottingham, Amazon, 2022.

<https://www.todamateria.com.br/>, em 24.03.24.

OBRIGADO!

TUTONDELE!

TWASAKIDILA!

TWAPANDULA!





SISTEMA DE CLASSES E PREFIXOS NOMINAIS DO KIPHALA: UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA

Khilson Khalunga - Coordenador de Linguística do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris

1. Dialecto Kibala

O dialecto é entendido como diferentes formas de falar a mesma língua. Para Brandão (1991, p. 13), “é um sistema divergente de um sistema comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente aos outros de origem comum”. O Kiphala é falado na província do Kwanza Sul e apresenta, morfologicamente, marcas da língua Umbundu e Kimbundu na sua estrutura nominal.

A designação deste dialecto foi, durante muito tempo, conhecido como “Ngoya”, nome que, segundo alguns informantes, consideram pejorativos. A sua grande influência deu-se, segundo os mesmos, com o surgimento das emissões radiofónicas em línguas nacionais. Portanto, Grosso (2019) na sua pesquisa feita sobre o real nome deste falar, apresenta dados estatísticos em que 78% concorda que o Kiphala seja o nome deste falar, enquanto 22% aponta para o termo Ngoya. Mas se olharmos para a historicida-

de deste município e das outras localidades onde se fala esta língua, concordamos com o autor sobre o nome da língua em questão.

Fernandes e Ntondo (2002) enquadram o Kiphala como dialecto do Kimbundu falado na província do Kwanza Sul, pertencente ao grupo Ambundu, língua Kimbundu. Os autores fazem esse enquadramento devido ao histórico migratório do primeiro povo a habitar nesta localidade, vindo de Malanje e instalando-se nesta terra. Embora seja este o histórico da origem deste povo, não podemos enquadrar a língua falada por eles como sendo o dialecto do Kimbundu, por ser a língua falada pelo povo de origem. O não enquadramento se deve porque o Kiphala é um falar híbrido, devido ao contacto entre a língua Kimbundu e Umbundu, e apresenta um sistema de classe nominal único, o que lhe difere destas duas línguas.

Outra razão que nos leva a esse posicionamento é o facto de o Kiphala apresentar dialectos próprios, como se pode ver no quadro abaixo.

Tabela nº1: Distribuição dos dialectos do Kiphala por municípios e comunas

Município	Comuna	Dialecto
Sumbe	Sumbe, Ngangula, Kilombo	Sumbe
Porto Amboím	Porto Amboím, Xopolo	Mpinda, Ndongo, Mbwi e Kissama
Amboim	Ngabeha, Asango e Kilenda	Mbwi e Kiphala
Kilenda	Kirimbo	Mwi
Kibala	Kibala, Karyangu, Lonyi, Ndala Kaxibu	Kiphala
Hebo	Hebo, Kasanji, Konde	Kiphala e Hebo
Sela	Waku-kungu, Kisanga-Kungu	Kiphala
Libolo	Kalulu, Munenga, Kabuta, Sisongo	Kiphala, Libolo e Haku
Musende	Musende, São Lucas	Sende

Fonte: Adaptado de Grosso (2019).

1. Classes nominais

Os nomes em Kiphala, como em outras línguas Bantu, organizam-se em classes definidas pelos prefixos. A prefixação é um das características das línguas Bantu e divide-se em três (3) categorias: Prefixo Nominal (PN), Prefixo Pronominal (PP) e Prefixo Verbal (PV). Para a nossa abordagem, focar-nos-emos apenas na primeira categoria, PN.

Os prefixos das classes nominais apresentam um valor morfológico, semântico e sintáctico: morfológicamente distinguem o singular do plural; semanticamente diferencia anima-

do do inanimado, humano do não humano e sintacticamente marcam a concordância dentro do sintagma nominal e verbal.

Nas línguas Niger-Congolesas, esse facto se percebe tanto como um processo derivacional como um processo flexional, porque as classes nominais são um mecanismo morfológico que classifica o substantivo em função da sua marca de classe, mas também é um processo que opera ao nível do sintagma nominal e a nível da frase, marcando concordância entre os constituintes (Gomes e Okoudowa, 2015).

Tabela nº2: Classes Nominais do

CL	PN
1	mu-; Ø-
2	a-
3	mu-; Ø-
4	i-
5	li- Ø-
6	ma-
7	ki-
8	i-
9	Ø-
10	la-
11	lu- Ø-
12	ka-
13	u-
14	u-
15	ku-
16	bhu-
17	ku-
18	mu-

Fonte: Autor

1.1. As classes

Classe 1: mu-; Ø-

Esta classe reúne substantivos, cujos lexemas designam seres humanos.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Mundata	/ mu – ndata / PN1 + BN	Homem
Nawa	/ Ø – nawa /	Cunhado

Classe 2: a-

Esta classe forma o plural dos substantivos que pertencem à classe 1 e de outras classes que indicam o parentesco, como a classe 14.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Andata	/ a – ndata / PN2 + BN	homens
Anawa	/ a – nawa / PN2 + BN	cunhados

Classe 3: mu-

Esta classe reúne os nomes que indicam diversas realidades, entre elas, vegetais, animais, astros, partes do corpo humano e objectos diversos.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Mujimbo	/ mu – jimbo / PN3 + BN	boca
Mulonde	/ mu – londe / PN3 + BN	ponte

Classe 4: i-

Esta classe reúne todos os nomes que formam o plural da classe 3.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Ijimbo	/ i – jimbo / PN4 + BN	bocas
Ilombe	/ i – lombe /	pontes

Classe 5: li- ; Ø-

Esta classe reúne substantivos que designam diversas realidades humanas, vegetais animais e objectos diversos.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Lyeso	/ li – eso / Pn5 + Bn	olho
Ozo	/ O – Ø – zo / Aum + Pn5 + Bn	dente
Omo	/ O – Ø – mo / Aum + Pn5 + Bn	barriga

Classe 6: ma-

Esta classe, além de representar o plural dos nomes da classe 5, tem a particularidade de reunir nomes que exprimem noções e realidades não quantificáveis, não contáveis.

Ex.:	Análise morfológica	Significado
Meso	/ ma – eso / Pn6 + Bn	olhos
Mazo	/ ma – zo / Pn6 + Bn	dentes
Mele	/ ma – ele / Pn6 + Bn	leite

Classe 7: ki-

Esta classe reúne nomes que exprimem membros do corpo humano. Por outra, serve também, quando acrescentado a um nome, para quantificar ou qualificar o mesmo.

Ex:	Análise morfológica	Significado
kimundata	/ ki – mu – ndata / Pn7 + Bn	grande homem / homem grande

Classe 12: ka-

Os nomes desta classe indicam conceitos diversos e nomes de pequena dimensão.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Kalunga	/ ka – lunga / Pn12 + Bn	mar
Kangombe	/ ka – Ø – ngombe / Pn12 + Pn9 + Bn	pequeno boi

Classe 15: ku-

Esta classe é considerada verbo-nominal, pois reúne a totalidade dos verbos e uma parte dos substantivos que indicam parentesco e nomes diversos.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Kulya	/ ku – lya / Pn15 + Pn9 + Bn	comida

1.1. Os prefixos das classes 16 (bhu-), 17 (ku), 18 (mu-)

Classe 16: bhu-

Esta classe indica lugar.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Bhumusoso	/bhu – mu – soso / Loc16 + Pn3 + Bn	ao lado da árvore

Classe 17: ku-

Esta classe indica direcção.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Kolindande	/ku – O – li – ndande / Loc17 + Aum – Pn5 + Bn	na pedra

Classe: 18-

Esta classe indica interioridade.

Ex:	Análise morfológica	Significado
Monzo	/ mu – Ø – onzo /	dentro de casa

1.1. Os nomes podem ser classificados por simples e complexos.

1.1.1.Nomes simples

Segundo Ntondo (2015, p. 118), “os nomes simples são, de modo geral, formados pelo lexema ao qual se associa um prefixo, formando assim um constituinte nominal, uma unidade apta a assumir uma função sintáctica num enunciado”. Portanto, os nomes simples, na sua maioria, funcionam com dois prefixos contáveis, indicando o singular e o plural, outros aceitam apenas um prefixo que pode ser singular ou plural.

1.1.2. Nomes monoclasses

Os nomes com esta designação não perdem a sua funcionalidade como constituinte nominal, apenas se subtraem o sistema flexional que obriga a comutar os prefixos. Todos os prefixos do singular podem criar binómios, acasalar com outros prefixos do plural, mas também podem ignorar o funcionamento flexional e manterem-se apenas uma classe.

Classe	Exemplos	Tradução
1/2	Nawa / Anawa	Cunhado (s)
3/4	Mujimbo / Ijimbo	Boca (s)
5/6	Lyeso / Meso	Olho (s)
7/8	Kinama / Inama	Perna (s)
9/10	Ngolo / Langolo	Joelho (s)
11/10	Lunzwana /Lanzwana	Unha (s)
12/13	Kapulungu / Upulungu	Viúvo(s)
14/2	Ukowa / Akowa	Sogro (s)

α) **Classe do singular**

Ex: mwangu – capim

β) Mbambi – frio

1.1.1. Nomes biclasses

Uma boa parte dos nomes nas línguas Bantu funcionam com a comutação de prefixos, isto é, a distinção entre singular e plural. Estes nomes formam pares, trata-se de um mesmo lexema que admite a associação de dois prefixos exprimindo o número, singular ou plural. Esta associação obedece a dois processos.

α) **Por substituição**

A comutação é a operação pela qual o prefixo da classe do singular comuta com a do plural, formando um par.

α) **Por adição**

Processo pelo qual um prefixo se junta ao nome para marcar a pluralização. Para o dielecto Kiphala, só a classe 5 e 15 realiza esse processo.

Classe	Exemplos	Tradução
5/6	Lithu / Malithu	Corpo (s)
15/ 6	Kulya / Makulya	Comida (s)
15/2	Kuku / Akuku	Avó (s)

2.1.1. Nomes desclassificados

Os nomes com esta especificidade são aqueles que morfologicamente não pertencem às classes semânticas correspondentes. É o caso, por exemplo, da classe 1, nomes que indicam seres humanos, mas que morfologicamente não pertencem às classes semânticas de seres humanos. Portanto, nem todos os nomes que remetem a seres humanos figuram nesta classe.

Classe	Exemplos	Tradução
7	Kimbanda	Curandeiro
9	Pange	Irmão
12	Kahinza	Adolescente
14	Umbandu	Família, parentesco

2.2. Nomes complexos

Os nomes complexos compreendem os nomes compostos e derivados. Na presente abordagem, apenas trataremos dos nomes compostos.

2.2.1. Nomes compostos

Os nomes compostos são formados por dois termos cujos significados particulares se encontram diluídos, transparecendo um novo e único significado, tendo uma tradução literal relações com o significado evidenciado.

a) **PN + PN + BN**

Ex:	Análise morfológica	Significado
Kaufeko	/ka – u – feko / Pn12 + Pn14 + Bn	mocinha

Kanzo	/ Ka – Ø – nzo / Pn12 + Pn9 + Bn	Casinha
-------	-------------------------------------	---------

b) **PN + BN + PN + BN**

Ex:	Análise morfológica	Significado
Kyamakitumba	/ ki – ama -ki – thumba / Pn7 + Bn + Pn7 + Bn	Animal selvagem

c) **PN + BN + Con + PN + BN**

Ex:	Análise morfológica	Significado
Livilu lya nzambi	/ li – vilu – li – a – Ø – nzambi / Pn5 + Bn + PP5 + Vc + Pn9 + Bn	Bíblia
Mona wa mundata	/ mu – ana – u – a – mu – ndata / Pn1 + Bn + PP1 + Vc + Pn1 + Bn	Filho

3. CONCLUSÃO

O Kiphala é falado nos municípios do Sumbe, Porto-Amboím, Amboím, Kilenda, Kibala, Hebo, Sela, Haku (comuna de Ambwiva), Libolo, Musende, Konda (Comuna do Kunjo), tendo, de acordo com os seus prefixos nomais, influência da língua Kimbundu e da língua Umbundu, fruto dos dois povos no mesmo território. Das principais influências da língua Umbundu encontrada nos prefixos deste falar, aponta-se o aumento (O) e os prefixos das classes 5 (li) e 10 (la), admitindo possibilidades de vir a ser uma língua e não um dialecto como afirmam Fernandes e Ntondo (2002). O Kiphala é constituído por 18 classes nominais.

Os prefixos apresentam valores semânticos e numéricos. Quanto ao valor semântico, servem para indicar os animados dos inanimados, os humanos dos não humanos, como é caso das classes 1 e 2, embora esta particularidade pode ser observada em outras classes também.

Os prefixos apresentam valores semânticos e numéricos. Quanto ao valor semântico, servem para indicar os animados dos inanimados, os humanos dos não humanos, como é caso das classes 1 e 2, embora esta particularidade pode ser observada em outras classes também.

Quanto ao número, os prefixos participam na oposição singular – plural, comutando os prefixos em função do contexto.

Referências bibliográficas

CANHANGA, Luciano. A língua dos Kibalas – Kimbundu ou Ngoya? CULTURA – Jornal Angolano de Artes e Letras, Junho de 2016.

CORDEIRO, José. Origem dos Kibalas, 2015.

FERNANDES, João; Ntongo, Zavoni. Angola: Povos e Línguas. Editora Nzila, 2ª edição, Abril, 2002.

GROSSO, Tomé João Manjor. O Kibala (Kimbundu) e a problemática do termo Ngoya como dialecto. Trabalho de fim de curso de licenciatura apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Línguas e Literaturas Africanas, Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, 2019.

MAKA À QUARTA-FEIRA O PORTUGUÊS, LÍNGUA OFICIAL, E AS DEMAIS LÍNGUAS DE ANGOLA

AS MAKAS ÀS QUARTAS-FEIRAS DA UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS: UM ESPAÇO DE PROMOÇÃO LITERÁRIA, CULTURAL E

As Makas às Quartas-feiras da União dos Escritores Angolanos: Um Espaço de Promoção Literária, Cultural e Linguística.

As Makas às Quartas-feiras da União dos Escritores Angolanos (UEA) constituem uma das mais relevantes plataformas de promoção da produção intelectual e cultural em Angola. Organizadas semanalmente na sede da UEA, estas sessões têm-se afirmado como um espaço regular de reflexão, divulgação e debate em torno da literatura angolana e das múltiplas expressões culturais do país.

Mais do que simples lançamentos de livros ou encontros literários, as Makas às Quartas-feiras da UEA configuram-se como um fórum de intercâmbio entre escritores consagrados, novos autores, críticos literários, académicos, estudantes e o público em geral, promovendo o diálogo intergeracional e interdisciplinar em torno das letras e das artes.

Entre os principais objectivos desta iniciativa destacam-se:

- A valorização da literatura angolana, com destaque para a apresentação e discussão de obras recentes;
- A preservação e promoção das línguas nacionais, reconhecendo o seu papel

tidade cultural e na resistência histórica às formas de dominação linguística e cultural;

- A abordagem de temas transversais às ciências sociais e humanas, como a história, a filosofia, a educação, a memória colectiva, os direitos humanos, entre outros;
- O reconhecimento e a celebração de figuras marcantes da literatura angolana, por meio de homenagens e sessões dedicadas.

No âmbito da valorização das línguas angolanas, destaca-se a colaboração entre o Projecto Litteragris e a Maka à Quarta-feira da UEA, que resultou na realização de uma mesa redonda dedicada ao tema “O Português, Língua Oficial, e as Demais Línguas de Angola”. Este evento constituiu um espaço de reflexão crítica sobre a coabitação linguística no país, abordando os desafios e possibilidades da convivência entre o português e as línguas nacionais, bem como os caminhos para a sua dignificação e inclusão nos domínios da educação, da comunicação e da produção científica e literária.

Além disso, a UEA tem procurado enaltecer as línguas nacionais como património imaterial, promovendo actividades que

discutem a sua valorização, codificação, ensino e integração no sistema educativo angolano. Estas iniciativas inserem-se num movimento mais amplo de afirmação da diversidade linguística e cultural de Angola, em consonância com os princípios da Constituição da República e os compromissos do país com a preservação do património cultural.

Dessa forma, as Makas às Quartas-feiras da UEA consolidam-se não apenas como eventos literários, mas como expressões vivas de um compromisso com a construção de uma nação plural, crítica e culturalmente enraizada, revelando-se fundamentais para o fortalecimento da consciência identitária angolana.



MAKA

QUARTA-FEIRA

MESA REDONDA

TEMA: O PORTUGUÊS, LÍNGUA OFICIAL,
E “AS DEMAIS LÍNGUAS DE ANGOLA”



ESTEVÃO LUDI



LUÍSA CARDOSO



ENOQUE CAIOMBO



ANTÓNIO KUTEMA



DATA: 18 DE JUNHO
HORA: 16:30



LOCAL: UEA

ESTER DIAHOHA
Moderadora



Apoios

Co-organização:



O PORTUGUÊS, LÍNGUA OFICIAL, “E AS DEMAIS LÍNGUAS ANGOLANAS.”

Enoque Sapalo Caiombo, MA

INTRODUÇÃO

A diversidade linguística angolana, marcada pela coexistência do português e das línguas nacionais, é uma oportunidade para fortalecer a cidadania inclusiva. No entanto, a hegemonia do português perpetua desigualdades. Torna-se urgente adoptar modelos de planificação linguística que promovam equidade e valorizem as línguas africanas. A experiência sul-africana, com o reconhecimento oficial de várias línguas, inspira uma abordagem multicêntrica e descentralizada. Em Angola, reconhecer as línguas nacionais como meios legítimos de ensino e administração, modernizando-as através da padronização e do uso institucional, é fundamental para construir uma sociedade mais democrática, justa e culturalmente enraizada.

Desafios para as línguas nacionais

- Português marginaliza línguas nacionais, dificultando comunicação em zonas rurais.
- Substituição linguística ocorre devido ao português e falta de transmissão.

- Línguas nacionais desvalorizadas, vistas como símbolos de tradição rural.
- Ensino carece de materiais, professores capacitados e apoio institucional necessário.

Português marginaliza línguas nacionais, dificultando comunicação em zonas rurais

- planificação linguística;
- Produção de recursos linguísticos;
 - Normalização Padronização;
 - Participação Comunitária;
 - Diagnóstico sociológico.

MESA REDONDA

Estratégias para a promoção

Políticas Linguísticas	Acções do Estado
Co-oficialização das Línguas Nacionais	1. Reconhecimento formal de algumas línguas nacionais em contextos regionais. 2. Promoção do uso das línguas nacionais em serviços públicos e administrativo.
Legislação Inclusiva	Criação de leis que garantam o direito ao uso das línguas nacionais em áreas como educação, saúde, tribunais e comunicação pública.
Incentivos Culturais	1. Apoio à produção cultural nas línguas nacionais, incluindo literatura, música, teatro e cinema. 2. Organização de festivais culturais que celebrem a diversidade linguística do país.
Apoio Institucional	Criação de programas governamentais para financiar iniciativas voltadas à preservação das línguas nacionais. Garantia de que as línguas nacionais sejam representadas nas políticas educacionais, culturais e sociais
Comunicação Pública	Promoção do uso das línguas nacionais em meios de comunicação públicos e privados. Incentivo à produção de conteúdos jornalísticos, programas de rádio e televisão em línguas nacionais.

ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DAS LÍNGUAS NACIONAIS
PLANIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

A tomada de decisões sobre o status, a estrutura e a aquisição de línguas dentro de uma comunidade linguística (Cooper, 1989).

Segundo Bobo (2000: 954), a palavra política deriva do adjetivo originado de polis (politikós) que significa tudo que se refere à cidade e consequentemente, o que é urbano, civil, público e até mesmo sociável e social. Coube a Aristóteles estabelecer uma expansão do termo dando ao mesmo o sentido da arte ou ciência do Governo. Na época moderna, de “ciência de Estado”, o termo foi sendo substituído por “doutrina do Estado”, “ciência política”, etc.

Políticas linguísticas

As decisões explícitas e implícitas tomadas por autoridades ou grupos sociais para determinar o papel das línguas em uma sociedade (Fishman, 1972).

A planificação linguística é a área da PL preocupada com as intervenções sobre as línguas, sobretudo a promoção de línguas, isto é, a criação de programas de revitalização, manu-

tenção, escrituração, criação de escolas bilíngues e de legislação específica para a questão das línguas. Preocupa-se também com a questão dos direitos linguísticos e do património linguístico.

Modelos de planificação linguística

A	B	C
Menor exonormativo, estandardização da LWC – Inglês, caso do Ghana	Modernização da língua tradicional – Amharik, Etiópia.	Modernização de muitas línguas tradicionais. Hindi, Caso da Índia.

A	B	C
Transição local e regional da LWC – caso do Ghana	Transição nacional para línguas indígenas – multilinguismo.	Nacional e regional bilinguismo. Caso da Índia.

FUNDAMENTOS DO MODELO
TIPO C: MODERNIZAÇÃO PLURAL
DAS LÍNGUAS TRADICIONAIS.

O modelo tipo C propõe uma planificação linguística descentralizada, valorizando a pluralidade linguística como instrumento de cidadania e justiça cultural. Inspirado na África do Sul, o modelo defende o uso efectivo das línguas nacionais em Angola, como o Kikongo, Kimbundu e Umbundu. Autores como Calvet, Spolsky, Alexander, Grin e Prah destacam a resistência cultural, a necessidade de abordar status, corpus e aquisição, a gestão cuidadosa da diversidade e a modernização inclusiva das línguas. A

A adopção do modelo em Angola requer compromisso político, investimentos e participação comunitária para fortalecer a identidade nacional e promover a coesão social.

ETAPAS DE PLANIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

A planificação linguística em Angola envolve três etapas essenciais. A planificação do status visa reconhecer juridicamente as línguas nacionais como co-oficiais regionais e promover o bilinguismo funcional em sectores-chave. A planificação do corpus foca-se na modernização das línguas através da padronização ortográfica, produção de materiais didácticos e criação de corpora digitais. Já a planificação da aquisição procura assegurar a transmissão das línguas nacionais, com ensino bilingue nas escolas, formação de professores e campanhas de valorização linguística. Estas acções visam, conforme defendem Phillipson, Skutnabb-Kangas e Fishman, promover justiça, vitalidade e soberania linguística em Angola.

Considerações finais

A planificação linguística é essencial para preservar a diversidade cultural e promover inclusão, identidade nacional e equidade. Em Angola, a diversidade linguística representa uma oportunidade estratégica para fortalecer a cidadania. O modelo tipo C, inspirado na África do Sul, permite revalorizar as línguas nacionais frente ao português, promovendo justiça histórica e soberania cultural. Como defende Calvet, a política linguística é sempre política e deve integrar o desenvolvimento nacional. A modernização das línguas, com envolvimento comunitário e respeito aos direitos linguísticos, é crucial para a coesão social e para a preservação do património cultural angolano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Calvet, J. (1974). *Linguistique et colonialisme*. Payot.
- Calvet, L.-J. (1987). *La guerre des langues*. Payot.
- Spolsky, B. (2004). *Language policy*. Cambridge University Press.
- Molema, S. (2013). *Cultural and linguistic diversity in Southern Africa: Challenges and opportunities*. University of
- UNESCO. (2003). *Language and education in Africa: Challenges and prospects*. UNESCO Publishing.
- Hornberger, N. H. (2003). *Continuity of biliteracy: An ecological framework for educational policy and practice in União Africana*. (2012). *The language question in Africa: A framework for policy development*. African Union.
- Lourtie, M. (2015). *Linguistic diversity and public policy in post-colonial Africa*. African Sun Media.
- Silva, A. da. (2011). *Línguas e poder: A política linguística em Angola*. Universidade de Luanda.
- Martins, E. (2017). *A educação multilíngue e o desafio da diversidade linguística em Angola*. Editora da



QUESTIONAMENTOS SOBRE O LUGAR DAS LÍNGUAS NACIONAIS EM ANGOLA DEPOIS DE 50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.

Ms. António Kutema

Angola é um país vasto em vários domínios e um dos domínios é cultural. Sendo um mosaico cultural, é imperioso que se vele pelas línguas de Angola. É, portanto, sobre as línguas nacionais de Angola que procurámos questionar o seu lugar em todos sectores da sociedade.

Vale lembrar que este texto é fruto do debate sobre o estatuto das línguas angolanas - língua portuguesa, línguas bantu e não bantu. À propósito da ordem, apenas a primeira língua de Angola tem o estatuto de língua oficial.

Objectiva-se, com este texto, analisar o lugar que se deu ou que se dá às línguas nacionais, vulgo línguas angolanas de origem africana, depois de 50 anos de alcance da independência e, por via dos exemplos, indagar o lugar das línguas nacionais no cenário empresarial.

Normalmente, quando se questiona o lugar de uma língua num determinado território, busca-se essencialmente saber a legislação vigente sobre a língua - o que nos remete a questionar o seu estatuto à luz da lei. Assim sendo, por via da

Embora o Estado promova, de alguma forma, estudos sobre as demais línguas de Angola e o subsistema de educação e ensino tenha em sua grelha curricular Línguas Nacionais, este esforço não se reflecte no dia-a-dia do angolano no solo pátrio. Ou seja, a aprendizagem de uma língua, que se subjaz importante, deverá reflectir na empregabilidade, tal como ocorre com as línguas internacionais - o que do ponto de vista legal, a Constituição de Angola coloca as demais línguas de Angola e as línguas internacionais em pé de igualdade (artigo 19 da CRA, n.º 2).

Se as línguas nacionais ocupam uma posição desprestigiante, ocorre-nos pensar que o seu falante também não goze de prestígio. Portanto, é uma língua de vergonha - que faz lembrar a posição que o colono português havia dado às línguas nacionais.

Então, importa salientar que a língua estampa a cultura de um povo e este povo, apoiando-se à Declaração Uni-

versal dos Direitos Linguísticos, tem o direito de utilizar a sua língua em todos os sectores da sociedade. Posto isto, indagamos: com o lugar que as línguas nacionais ocupam, será que garantem emprego tal como as línguas internacionais no território angolano?

Entretanto, há várias hipóteses que se podem levantar para responder a pergunta acima.

Recorde-se que no princípio do novo milénio, vários académicos africanos reuniram-se para discutir o lugar das línguas africanas no continente africano. Assim sendo, na conferência de Asmara realizada em 2000, os escritores e académicos de todas regiões da África – uma expressão muito usada ao longo da declaração – declararam dez pontos fundamentais. Entretanto, elegemos pontos 1, 4, e 10: (i) línguas africanas devem tomar o dever, a responsabilidade e o desafio de falar pelo continente; (iv) (...) as línguas africanas de

vem utilizar o instrumento de tradução para avançar a comunicação entre todas as pessoas, incluindo desabilitados; (x) Línguas africanas são essenciais para a descolonização do espírito africano e para o renascimento africano.

Diante dos três pontos acima mencionados, depreende-se que as línguas africanas devem representar o continente africano, isto é, com políticas linguísticas equilibradas e de massificação das línguas africanas em todas esferas da sociedade; a massificação das línguas africanas faz-se também com tradução de obras literárias, revistas e não só; e, por fim, para a efectivação do renascimento africano é necessário uso das línguas africanas.

Portanto, se as políticas linguísticas e educativas de Angola forem reformuladas à luz da Conferência de Asmara, em que o país é subscritor, provavelmente, garantirá maior prestígio aos seus falantes e maior percentagem de emprego.

O presente tema foi elaborado com base no Artigo 19.º (Línguas) da Constituição de Angola, no seus pontos 1 e 2, que afirmam o seguinte:

1. A língua oficial da República de Angola é o português.

2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

0.1. Olhando para o exposto, questionamos: O que pode significar para o constitucionalista e para o leitor, a expressão: as demais línguas de Angola?

A palavra, demais, se for usada como pronome indefinido, pode significar: as outras ou restante. Restante é resto, aquilo que sobra.

Aqui entendo que, a expressão as demais línguas de Angola, surge em função de uma escala de valor ou de superioridade e inferioridade em termos de posição ou hierarquia. Se o português é língua oficial, o que não é oficial é resto.

Não há língua sem falantes. Se existe as demais línguas, provavelmente, exista também - os demais falantes, os demais povos e as demais culturas.

É língua oficial – aquela reconhecida pela autoridade estatal como língua que se deve utilizar na administração e no ensino, principalmente.

Aqui, o constitucionalista ao dizer que o Kimbundu, Kikongo, Umbundu, Cokwe,

Ngangela, khung... fazem parte das demais línguas, pelo que se pode entender, não foi só um constitucionalista. Foi um génio, um arquitecto e um poeta do seu tempo, pois com um soneto de duas estrofes remeteu para a estagnação as línguas nacionais.

Aqui o poeta, Tata Moda, no espírito, não se inspirou na Parábola do Cágado velho, nem tão pouco no Pássaro de Asas abertas, nem na Bola com feitiço.

Com um pincel empunhado nas axilas do peixe, fífikinhou um soneto Nortodiano, de Mato, apontando uma arma, em vez do dedo, por onde nasce o sol, trazendo ao Kahitu, a desgraça que o tornou Kikata kya Nzambi, pelo facto de seus pais não terem cumprido com o ritual das oferendas ao kimbanda.

Hoje, por força disto e dessa lei, as línguas nacionais ocupam um lugar secundário nas políticas públicas, no sistema educativo, na administração do Estado e nos espaços de produção científica e cultural.

Reflectir sobre as vantagens da valorização e as consequências da desvalorização dessas línguas é repensar o próprio modelo de desenvolvimento que queremos para um país - inclusivo, enraizado nas realidades locais, e capaz de integrar os saberes tradicionais nas actuais ciências.

Mahezu – Tenho dito!

MIGUEL LUBWATU



O reconhecimento das línguas nacionais nas instâncias oficiais fortalece a inclusão democrática, garantindo representação e participação efectiva de todas as comunidades.

A sua oficialização promove a verdadeira coesão nacional, valorizando a pluralidade em vez da hegemonia de uma única língua.

Proteger as línguas locais assegura a transmissão dos saberes tradicionais, mitos, histórias e práticas culturais que são únicos de cada grupo.

Fomenta uma identidade nacional rica (angolanidade), pois a diversidade linguística fortalece o sentimento de pertencimento.

Incorporar línguas nacionais nos serviços públicos (como saúde, justiça e educação) melhora a acessibilidade e

a qualidade do atendimento, especialmente em zonas rurais.

A educação exclusivamente em português gera barreiras para crianças falantes de línguas nacionais, resultando em altos índices de reprovação e abandono escolar.

A marginalização das línguas maternas empobrece o processo educativo, dificultando o desenvolvimento cognitivo e a desvalorização da língua materna acarreta consequências graves, incluindo a perda da identidade cultural, dificuldades no desenvolvimento cognitivo e dificuldades no aprendizado de outras línguas. Além disso, pode levar ao enfraquecimento da coesão social e à marginalização de grupos culturais.

Perda da identidade cultural e histórica: A língua materna é um veículo fundamental para a transmissão de cultura, valores e história de um povo. Ao perder sua língua, uma comunidade corre o risco de perder sua identidade cultural e o conhecimento de suas raízes.

Dificuldades no desenvolvimento cognitivo: A língua materna é a base para o desenvolvimento cognitivo, especialmente durante a infância. Crianças que não têm a oportunidade de aprender e desenvolver sua língua materna podem ter dificuldades no aprendizado de outras línguas, bem como em outras áreas do conhecimento.

Dificuldades no aprendizado de outras línguas: A língua materna serve como base para a aprendizagem de outras línguas. Dominar a língua materna facilita a aquisição de outras línguas e ajuda a compreender melhor as estruturas linguísticas.

Fragilidade da coesão social: A língua é um elemento fundamental na construção da identidade e da coesão social. A desvalorização da língua materna

pode levar ao enfraquecimento dos laços sociais e ao surgimento de tensões sociais.

Marginalização de grupos culturais: A perda da língua materna pode levar à marginalização de grupos culturais, especialmente aqueles que não dominam a língua dominante. Isso pode gerar desigualdades sociais e dificultar o acesso a serviços e oportunidades.

Perda de conhecimento tradicional: A língua materna é muitas vezes o veículo para a transmissão de conhecimento tradicional, como remédios naturais, técnicas agrícolas e histórias orais. A perda da língua pode levar à perda desse conhecimento valioso.

Redução da diversidade linguística: A desvalorização de uma língua materna contribui para a perda da diversidade linguística, um património cultural importante para a humanidade. A diversidade linguística enriquece a cultura e a forma como as pessoas percebem o mundo.



PORTUGUÊS, LÍNGUA OFICIAL E AS DEMAIS LÍNGUAS DE ANGOLA

Luísa Cardoso

As elites políticas e os demais dirigentes na luta de Libertação Nacional tiveram que aceitar a língua de colonização (Português) como forma de união nacional e de assecuramento para as relações com o mundo.

Segundo Manuel Castels, identidade é a fonte de significado e experiências de um povo. Podemos associar, a partir disso, a língua como um elemento identitário de um povo, pois a língua é o veículo de transmissão de conhecimentos passados de geração a geração, ligada a outras formas de manifestações culturais.

Após a libertação nacional, o português passou a ser a língua oficial de Angola e tem coabitando com outras línguas do país.

As LBA eram os principais veículos de comunicação nos antigos reinos antes da era colonial.

Com a chegada dos portugueses e a dominação dos nossos territórios era necessário que a língua de cães como caracterizada por Norton de Matos fosse erradicada para a implementação da língua do colonizador e conseqüentemente seus hábitos, costumes e ideologias.

Por ser a língua o principal vector de identidade a administração colonial começou um processo de assimilacionismo para combater as LBA e implementar a reconstrução do sujeito africano como se regista na lei Norton de Matos dec. 77, art.1, pág.3: É obrigatório em qualquer missão o ensino da língua portuguesa. Pág. 4: É vedado o ensino de qualquer língua estrangeira. Deste aí as línguas nacionais têm ou sofreram vários ataques e fazendo uma analogia da Constituição da República de Angola e da pag. 3 do dec.77, o uso da língua indígena só é permitido no ensino da catequese e como auxiliar no ensino elementar da língua portuguesa, percebe-se que as línguas nacionais ou demais línguas de Angola não gozam de um estatuto definido, servindo somente como língua de comunicação restrita a um grupo étnico e restrito num dado local e contexto.

A Constituição da República de Angola aprova a língua portuguesa como elemento de união nacional construção da

ideia de nação e deixa um espaço apertado e quase indefinido para as línguas nacionais reflectindo os objectivos do colonizador: aculturação, herança europeia e mudança do pensamento ou seja construção de um povo idêntico com ideologia europeia se despidendo da sua cultura e ideologia.

O projecto de criação de um estado unido e moderno para melhor servir o povo sobrepôs a importância da língua na busca de valores e herança cultura que identifica os povos de Angola, desvalorizando o agrupamento em etnias para a nova Nação que não resolveu e não tem resolvido muito dos nossos problemas.

A legitimação das LBA não se deve estagnar no papel, mas no uso efectivo como fonte vital de libertação ideológica, uma vez que a língua é uma herança que conhecemos passados de geração a geração através das mais variadas formas de expressar os nossos hábitos, valores, costumes ou seja a nossa identidade “ao estilo bantu de fazer e resolver as coisas”.

Com a constante admissão do português e legitimando as LBA somente no papel tem-se acentuado cada vez mais o nascimento de um povo angolano com identidade miscigenada.

A preocupação do Estado Angolano em promover o ensino acentuado das principais línguas económicas (Francês e Inglês) a indivíduos estrangeiros e com dupla nacionalidade para preservar a cultura desses indivíduos e a sua integração sociocultural deveria ser a mesma preocupação pontual em preservar a nossa identidade, não classificando as LBA como: “As Demais línguas de Angola”, abrindo um processo de exclusão.

Não se pode desclassificar e desvalorizar as LBA para não se perder a identidade cultural bantu, pois é património nacional, garantido a desigualdade de social e exclusão dos diferentes grupos étnicos e o enfraquecimento da noção de nacionalidade plural ou seja unidade na diversidade.

MIMBU MU NJANGU

(O lugar da literatura oral, poemas, contos, provérbios, canções, etc)



DATA: 21 DE JUNHO

• HORA: 10H00

• LOCAL: UEA

JORGE PEDRO

MC

Dr. Miguel Lubwatu | Domingas Monte | Satchonga Tchiwale
Isabel Sango | Francisco Makiesse | Dra. Josefa Mige
| Jaime Segunda | Bel Neto | Domingas
| Casa Museo Óscar Ribas | Atelier Lucengomono

Co-organização:

Apoios



MIMBU MU NJANGU

Vozes que Ecoam

Mimbu Mu Njangu não é apenas um evento; é um encontro de almas, palavras e memórias. Num espaço onde cada som carrega história e cada frase revela identidade, o público foi convidado a mergulhar na riqueza das línguas de Angola. Ali, as vozes não se limitaram a falar: cantaram, declamaram, contaram e encantaram, tecendo com os sons do Quimbundo, Umbundu, Cokwe, Kimbundu, Kikongo e outras línguas nacionais, um mosaico de significados e sentimentos que transcendem o tempo.

Entre provérbios antigos e histórias transmitidas de geração em geração, percebe-se que cada palavra é mais do que som: é memória viva, sabedoria popular e resistência cultural. Os provérbios, com a sua concisão e densidade, revelam ensinamentos profundos sobre a vida, a ética e a convivência humana. As histórias, com seus personagens e enredos, fazem-nos rir, reflectir e, sobretudo, lembrar que a nossa língua é também a nossa história.

Mimbu Mu Njangu é, portanto, um chamado à atenção para a importância

do multilinguismo como património colectivo. É um convite a ouvir, compreender e valorizar a diversidade que nos une, reconhecendo que cada idioma é um tesouro que preserva a identidade, fortalece a cultura e transforma a sociedade. Neste evento, a linguagem deixou de ser apenas meio de comunicação: tornou-se ponte entre o passado e o presente, entre o indivíduo e a comunidade, entre o visível e o invisível da nossa memória colectiva.

Ao folhear estas páginas, o leitor não encontrará apenas registos do evento; encontrará ecos de vozes ancestrais, histórias que caminham connosco e provérbios que continuam a ensinar, lembrando-nos que cada língua é uma janela para a alma de Angola. Mimbu Mu Njangu celebra, acima de tudo, a vida que pulsa nas nossas palavras, e convida-nos a escutar, aprender e, sobretudo, a preservar este património vivo que é nosso por direito.

O encerramento da Semana das Línguas atingiu o seu clímax com a cerimónia denominada Mimbu Mu Njangu, que se materializou como cerimónia e manifesto: sob o lema “O lugar da literatura oral: poemas, contos, provérbios e canções”, convergiram formas de expressão que são, simultaneamente, artísticas e históricas. O palco foi ocupado por músicas tradicionais, danças de matriz angolana, narrativas orais, declamações poéticas e provérbios, todos expressos em línguas nacionais, assumindo-se como templos de memória viva, lugares onde

se entrelaçam o passado ancestral, o presente vibrante e os futuros que se constroem a partir da ancestralidade.

Este evento não foi apenas um espectáculo, mas uma celebração ritualística da identidade plural de Angola, que reafirmou o poder da literatura oral como fundação de uma narrativa nacional que resiste, ensina e inspira.

CE3L

CÍRCULO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
E LINGÜÍSTICOS LITTERAGRIS

TRÊS POEMAS BILINGUE DE MIGUEL LUBWATU

1. MU DYEMBU ADYAKIME KYANENA

Mu dyembu adyakime kyanena
Mu dyembu adyakime kyanena
Mani se ene kyakala ni mixot’we
Mani se ata jixoto jyavulu mu kunena
Mani se matuji a onene

Mani se tuji twa tunuha kyavulu
Mani se adikola mba abuma mukunena
Mani se tuji twa twakolo mba twanengana

Ene adisweka kyambote
Kyhela kwamona
Kikale mu usuku mba mu lwanya
Mbidi ojinjinji mba makokotolo

Nuka akimwene
Kikola!
Kisunji!
Okiki kyakizwela mu dyembu!

1. NA ALDEIA OS MAIS VELHOS NÃO CAGAM

Na aldeia os mais velhos não cagam
Na aldeia os mais velhos não cagam
Não sei se eles não têm ânus
Não sei se eles peidam muito ao cagar
Não sei se as suas fezes são enormes

Não sei se as suas fezes cheiram tão mal
Não sei se gritam ou gemem ao cagar
Não sei se as suas fezes são acuosas ou rijas

Eles escondem-se bem
Não se deixam serem descobertos
De noite ou de dia
Mesmo as moscas e os caravelhos

Nunca viram
É proibido!
É maravilha!
Na aldeia, este não assunto!
Na aldeia os mais velhos não cagam

2. MATUBA A KISUTU KYA HOMBO

Akexine onene
Akexine onene
Omatuba a kisutu kya hombo
Endele kutena mbata omundu woso

Ojimbwa! Ojimbwa!
Kija Diogo, kana
Kijeze ni ulungu mu kalunga, kana
Kijazauke ni Nzadi, kana
Ajivwala mwene mu kiphangu kiki kya Éden

Olumbi! Olumbi!
Jene jateme kyavulu
Jimbwa ja Diogo ndenge
Abana omaçã kwa Eva
Ene ya alenge ni matuba

Ya afudisa onzoji ya Kilwanji kya Samba
Wakexine kukingila ku Phungu a Ndonga
Ni Nzinga Nkuvu ni Mandume
Nadi omatuba ya!

2. OS TESTÍCULOS DO CABRITO

Eram enormes!
Eram enormes!
Os testículos do cabrito
Chegariam para todos

Os cães! Os cães!
Não eram os do Diogo, não
Não vieram de barco no mar, não
Não atravessaram o Nzadi, não
Pariram-lhes mesmo neste Jardim do Éden

A inveja! A inveja!
Tornou os cães muito raivosos
Mais do que os cães do Diogo
Deram a maçã à Eva
E eles fugiram com os testículos

E frustraram o sonho do Kilwanji kya Samba
Que estava no Phungu a Ndonga
Com o Nzinga Nkuvu e o Mandume
Para comerem estes testículos

3. O SEXO DO CÃO

Mas então, qual é o sexo do Cão?
Mas então, qual é o sexo do Cão?
Perguntavam os abutres sem coração!

Que em vez de Deus, preferiram falar com o Kimbanda
pois com ele a conversa é mais fluida!
Mas, então, qual é o sexo do Cão?
Insistiam os abutres sem coração!

Deve-se parecer enorme!
Como se fosse um imbondeiro!
Com os testículos de diamante
E esperma de petróleo
Ou, deve ser fundo
e largo e flacidamente peidante
Por ser a puta que nos pariu!

Mas então, qual é o sexo do Cão?
Perguntavam os abutres sem coração!

3. ODISONGA DYA IMBWA

Anga phe, odisonga dya Imbwa dyehi?
Anga phe, odisonga dya Imbwa dyehi?
Yakexile kukwibudisa ingungu yakambe omixima!

Yalenge Nzambi, ya ayi kuzwela ni Kimbanda,
mukonda phe uzwelelu ubita dingi kyambotel!
Anga phe, odisonga dya Imbwa dyehi?
Yajiji ingungu yakambe omixima!

Kifika okwila dyonene!
Kala phe mbondo!
Ni matuba a diyamnde
Ni mbutu ya phiti
Mba phe, dyazongo
dyahanunuka ni dyadinane mu jixoto
Mukukala we okiwaya kyatuvwala!

Anga phe, odisonga dya Imbwa dyehi?
Yakexile kukwibudisa ingungu yakambe omixima!



POEMAS DE JOSEFA MIGE EM TRÊS LÍNGUAS ANGOLANAS (PORTUGUÊS, COKWE E KIMBUNDU).

AINDA NÃO

Ainda Não
O mesmo, outra vez, não!
Observando, aguardando
Espiondo
Aguardando o teu vulto
Como chuva que rompe a estiagem chuvosa
Não me barres chover
Na estiagem da saudade
No olhar desviante
Do olho sem pestanas
Pestanas perdidas ao fixar a vista
No fim da rua cujas casas sem portas
Portas que atemorizam os casais
Na estiagem chuvosa
Que assombram a amizade pernoitando no fundo
Do nosso sorrir Mais ainda...
Minha felicidade
Tu és tempestade.

KANDA NAWA

Kanda nawa
Nawa, kanda nawa
Kushimbwila, nyi meso
Ha songo lya liso
Kushimbwila cizulye ceye
Ngwe vula mu canga
Ca mingole.
Kanda unguvuma, kunoka
Mu canga ca usona, ha
Songo lya liso kulishi
Indayiso ya nonga
Mu ku kotalila ha
Songo lya mukala
Wa mazuwo keshi yajilo.
Yajilo ya honesa malo mu
Canga ca mingole, ca keyesa
Usendo wapomba mushi
Lya maseho jetu, khanda nawa ciyuka cami
Yena mungole wami.

I KILUWA HANJI

Kiluwa hanji
Kyene kimoshi, kindala kana!
Kutonginina, mukukingila
Kuzongola
Kukingila o kizunzumbya kye
Kala o mvula itandula izubha o mbanze
Mvula Kana kubeba
Ngunzu ya mbanze, mu mesu ma kaswekele
Mesu kala ni iphephetela
Iphephetela ya teshika mu kutala
Kwa suku o kikoka kwala jinzuz se mabhitu.
Mabhitu asasumukisa o ima
Ku mbanze kwa kambe o mvula,
Kiteketesa okudizola mu ussuku ku hota
O kwelela kwetu, kiluwa hanji...
Uzediwilu wami
Eye ukalembe kami.



PROVÉRBIOS

Dikuto Ka Lendi Vioka Ntú Kó

Tradução literal: A orelha nunca poderá ultrapassar a cabeça.

Lição de moral: Um filho, por mais que cresça ou alcance sucesso, nunca será mais velho ou superior aos seus pais. O respeito pelos progenitores deve ser inquestionável.

Nzau Ilendi Bola Kilumbu Ki Mosi Kó

Tradução literal: O elefante não apodrece num só dia.

Lição de moral: Na vida, não devemos menosprezar ou prejudicar os outros. Tudo tem o seu tempo, e a vida dá voltas o que fazemos hoje pode voltar para nós amanhã.

Vula I Lendy Tinumu Kidumu Kó

Tradução literal: Nunca fuja da chuva por causa dos trovões.

Lição de moral: Não devemos fugir das nossas responsabilidades por medo das dificuldades. É ao enfrentá-las que nos tornamos verdadeiramente responsáveis e maduros.



Jorge Pedro é locutor e formador de Oratória, Retórica e Técnicas de Locução, natural do Fútila, Cabinda. Apaixonado pelo Jornalismo e pela Literatura, tem-se destacado na valorização da cultura angolana através do seu trabalho no Projecto Dyembu Dyetu – Nossa Aldeia, promovendo provérbios em língua Ibinda.

Foi membro do movimento literário Litteragris e participou em diversas obras coletivas, incluindo a antologia “Tanto Mar Entre Nós” (Editora Kotter – Brasil), “Escritos de Quarentena” (Edições Handyman), e na Revista Tunda Vala. Tem textos publicados na Revista Palavra & Arte e no blog “Tanto Mar Entre Nós”.

Com uma forte presença no ensino e na comunicação, Jorge Pedro tem contribuído para a formação de novos oradores e comunicadores em Angola.

“Vokufetika okutunga ofeka”

Ovisimilo yokutunga cafina kapole te lutate.

Omunu tewakala pocakati yovisimilo yalinga ndomo.

Ofeka cilingiwa lomanu, te okutwika onulo oco ofeka yetu yende kovaso.

Omalá okuvalongisa ekalo lyokukala ciwa.

Osimbo yapitilã yokusokolola uwa vofeka yetu.

Te okulikongela alume la kayi.

Te twafetika okulya ekapa oco tulikapiko volovitangi vyofeka oco tuvitetulule.

“O começo de construção do país”

Os pensamentos de construção bom, porém é importante ter cautela.

A pessoa deve ser o ponto fulcral dos nossos pensamentos.

O país faz-se com as pessoas, é preciso ter a coragem para que nosso país vá avante.

As crianças devem ser ensinadas os bons hábitos.

O tempo chegou de pensarmos o bem do nosso país.

É imperioso nos juntarmos homens e mulheres.

Temos que começar a comer “ekapa oco tulikapiko” nos problemas do país a fim de os resolver.



A expressão entre as aspas é idiomatismo, sem de estrutura cristalizada não obedece tradução.

Carlos Missando de Castro, filho de Joaquim Teixeira de Castro e de Amélia Tchopeto, formado em Línguas e Literaturas Africanas pela Universidade Agostinho Neto na faculdade de Humanidades, professor Mentor em desenvolvimento pessoal

1. Iso kwenda Etwĩ

Valipatālapatāla Iso kwenda Etwĩ okuti elye otumĩ-la vali v'etimba. U heti ame, u heti ame. Kapali u oyevulula ukwavo, valitepa l'enyenyo lyalwa.

Eteke limwe, etimba lyavambata k'ocipembe cimwe c'onelehõ. Kapamisile, kwakala lokwiya ocipepe cinene. Etwĩ lyaciyeva. V'on-janja yaco, lyalungula Iso:

- Ove Aso, kwokwiya ocipepe cinene... Tutili.

- Ame ndukulungula ale ove? Pi wamwĩle okuti u kalete eye olungula u olete!?

- Silete ño, pole ndiyevite eci handi kulete... Tutili!... Iso kalicendisa.

- Tutili!... Lyapitulula Etwĩ oku liluluma ndendendende. Iso kalitava. Etwĩ lyatunda lyambiti v'etimba. Lyatila.

Ocipepe capitila. Calya Iso, calya etimba.

1. O Olho e o Ouvido

O Olho e o Ouvido discutiam sobre quem tinha mais poder no corpo. Um dizia ser ele, outro dizia ser ele. Sem entendimento, separaram-se raivosamente.

Certo dia, o corpo levou-os a um campo florestal. Não tardaram ali a brincar, vinha, ao longe, um ciclone arenoso. O Ouvido escutou-o. Avisou imediatamente o Olho:

- Olho, vem ali um ciclone horrível... Fujamos.

- Eu é que te aviso ou tu é que me avisas? Onde é que já viste quem não vê é que avisa quem vê!? Exclamou o Olho, farejando a raiva.

- Não vejo, mas estou a escutar o que não vê

- Olho, vem ali um ciclone horrível... Fujamos.

- Eu é que te aviso ou tu é que me avisas? Onde é que já viste quem não vê é que avisa quem vê!? Exclamou o Olho, farejando a raiva.

- Não vejo, mas estou a escutar o que não vê de momento... Fujamos!...

O Olho resistia.

- Fujamos!... Repetiu o Ouvido, tremendo.

O Olho endurecia-se.

O Ouvido saiu do corpo. Fugiu.

O ciclone chegou. Comeu o Olho, comeu o corpo.

Job Sipitali, in Ungende



2. Eleñalo

Eleñalo, okumõla okuti lipongoloka avala añi añi, lyalonda m'uti w'omanga. Lyafetika okulula:

Ame soma y'ofeka... y'oooo-fe-ka... tali ndomu ndilipongolola... tali!... Suku andyoko... andyoko...

- Elye o? Ombeu yapula.

- Eleñalo. Lyatambulula Ekokolo.

Vayola. Olyo lyatwihinya okulula:

... tali ndomu ndilipongolola... tali!... Suku andyoko... andyoko...

Suku waloka p'osi. Eleñalo walyupa avala. Walisila lika evala likusûka. Oco kalikatyamisilwe k'ositu, lyasyapo okuñwalañwala.

Oco cilingila ndeti, nda litunda, lisuma-suma sumosumo.

2. O Camaleão

O Camaleão, ao ver que mudava de cores, subiu a árvore de mangueira. Ali começou a gritar intensamente:

sou o rei da natureza... na.tu.re.za... vede como me transformo... vede!...que se dane Deus...que se dane!...

- Quem é aquele? Perguntou o Cágado.

- É o Camaleão - respondeu o Lagarto.

Puseram-se a rir. O Camaleão continuava a gritar:

... Vede como me transformo... vede!... que se dane Deus... que se dane!...

Deus desceu à terra. Tirou-lhe as cores, excepto a vermelha. O Camaleão - para não ser confundido com carne - deixou de passear. Por isso é que quando sai, ao andar, hesita.



Job Sipitali, in Ungende

POESIA DE JOB SIPITALI UMBUNDU-PORTUGUÊS

3. Myapya kwenda Kangumbe

Kangumbe wamōlamōla Myapya olupoka v'ilu (wanda ndeti, weya ndeti). Okusanjukila eci, wanda k'onjo y'ahe okukopula ndamupi acipangapanga kwenda nye opapa-mo.

- Ove Amyapya, ocitela ndati okupalāla v'ilu: wanda ndeti, weya ndeti? Kwenda nye upamo?

- Akamba ly'ange Kangumbe, ndicitela okupalāla omo oci-tuwa c'ange. V'ilu ndupamo owisi, okulya kw'ange kwatete. Handi vali: ndinyalēla-mo, kuti omanu kavandili. Vayeva-la beti: okulya Myapya ekandu. Pwāyi eci ndukulungula ceci: ilu ly'ove likale osi.

Kangumbe, kayongola okukala k'onumbi yaceci Myapya amōlamōla p'osi, kayevulwyle elungulo eli, wakatuka katu. Wamola utwe (w'ahe) okukupuka eci akala lokupalāla.

3. A Andorinha e a Codorniz

A Codorniz via a Andorinha a brincar acrobaticamente no céu. Satisfeita com isso, foi à casa dela para saber como fazia e o que tirava do céu.

- Amiga Andorinha, como consegues voar no céu deste jeito: vais dali, vens dali? E o que tiras dele?

- Amiga Codorniz, consigo voar no céu desse jeito por ser minha natureza. Tiro dele o fumo, minha comida preferida. Ainda mais: brinco nele, porque as pessoas não me comem. Dizem elas: comer a Andorinha é pecado. Mas eis o que te aconselho: o teu céu deve ser a terra.

A Codorniz, que não queria ficar na ignorância sobre o que a Andorinha via na terra, quando circulasse no céu, não deu ouvidos ao conselho, elevou-se. Viu a sua própria cabeça a cair enquanto voava.

Job Sipitali, in Ungende

I
m'ohonji muli
olofa vy'usenge
m'ekuto muli, vyo p'onjo

omelā olusemo
lw'akepa

vipi olofa usongo unena
k'aveke?

I
Na flecha
há morte da mata.
no paladar há
de casa

a boca é juiz
dos ossos

que morte a flecha
traz aos tolos?

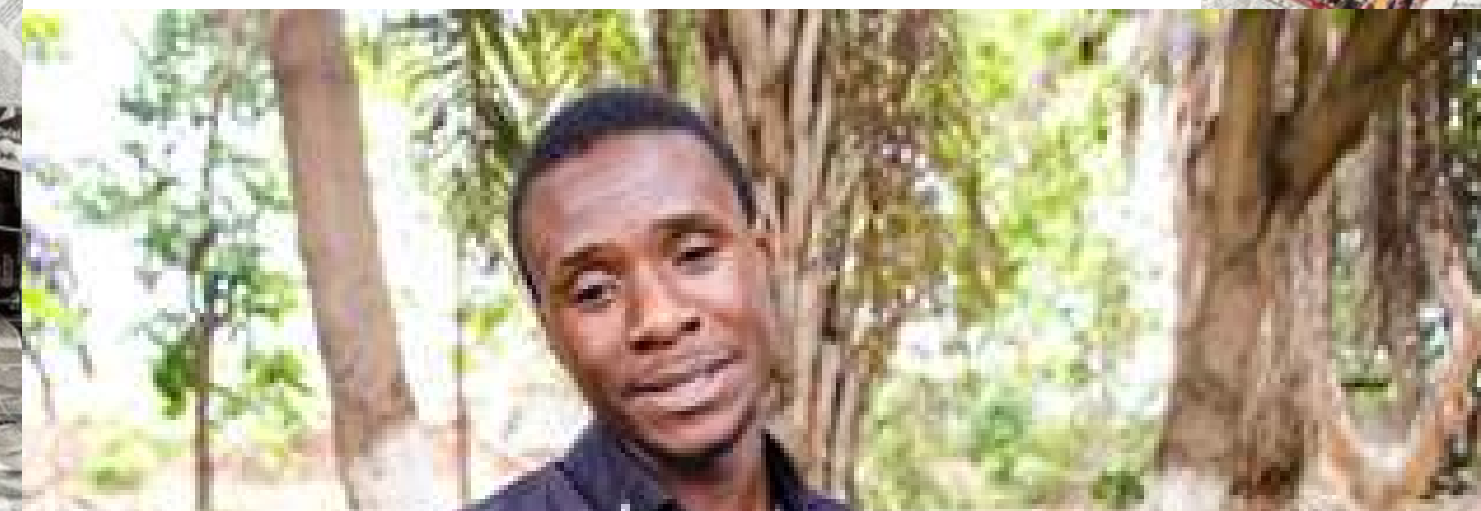
II
elaka litungwa l'evele
osi yitungwa l'amelā

petula ina
mbeu kasyulāwā
p'omāhi

II
costura-se a língua
com os seios.

a terra
com as folhas secas

ceda a mão à mãe
o cágado não se massageia
na pata.



ENTREVISTA COM O DR. ANTÓNIO QUINO

Secretário-geral da Academia Angolana de Letras

Tema: O Lugar das Línguas Nacionais na Construção da Identidade Angolana

I. PERSPECTIVA INSTITUCIONAL E CULTURAL

1. Qual é o papel que a Academia Angolana de Letras atribui às línguas nacionais na formação da identidade cultural angolana?

A Academia Angolana de Letras reconhece as línguas nacionais como pilares fundacionais da nossa identidade cultural. Elas não são apenas veículos de comunicação, mas também depositárias de saberes ancestrais, cosmovisões e formas singulares de expressão estética. Ao promover o estudo, a documentação e a valorização dessas línguas, a Academia espera contribuir para a construção de uma Angola plural, onde a diversidade linguística é entendida como riqueza e

não como obstáculo.

Permita-me, também, trazer três abordagens que julgo pertinentes. A primeira está ligada ao processo de ensino-aprendizagem das nossas outras línguas – exceptuando logicamente o português, que também é muito nossa – em que deve haver um maior engajamento do Estado, não apenas do Ministério da Educação. Veja por exemplo a preocupação do Tribunal Constitucional em traduzir documentos importantes para as chamadas línguas nacionais. Segundo, devemos sair do armário e assumir, constitucionalmente, o merecido papel que as chamadas línguas nacionais devem ter. Não é digno serem consi-

deradas, em plena Constituição, como “as outras”, como se fosse um sujeito a quem não damos confiança e só o aturamos por ser vizinho. Por último, e ligado ao segundo, é importante que se amplie o campo comunicacional; aumente o escopo de utilização formal das nossas línguas. A valorização simbólica deve vir acompanhada de funcionalidade social e institucional.

2. As línguas nacionais podem ser consideradas património imaterial de Angola? Que medidas devem ser tomadas nesse sentido?

Sem dúvida. As línguas nacionais são património imaterial por excelência, por direito próprio, pois carregam memórias colectivas, práticas culturais

e nossos modos de vida.

Entretanto, para que esse reconhecimento se traduza em políticas concretas, é necessário quatro passos, que proponho não numa ordem hierárquica: Inventariar e documentar as línguas em risco; Criar centros de investigação linguística regionais; Estimular a produção literária e artística nas línguas locais e Integrar essas línguas no currículo escolar e ampliar a sua utilização sob o risco de, num futuro não distante, podermos vir a falar de línguas mortas. Veja que o não reconhecimento legal explícito e vinculativo é um entrave. Talvez por isso a nova proposta de lei das Línguas de Angola, da versão que tive acesso, mencione a classificação das línguas como património cultural

imaterial (Artigo 10.º).

Mas é necessário que esse reconhecimento seja aprovado, regulamentado e implementado com força jurídica, garantindo protecção e financiamento. Já o disse, mas o levantamento sistemático das línguas nacionais é vital, com dados sobre número de falantes, vitalidade linguística, usos sociais e risco de extinção. Esse inventário é essencial para fundamentar políticas públicas e acções de salvaguarda. Mesmo sendo redundante, o reconhecimento como património imaterial deve envolver as comunidades falantes, respeitando os seus saberes, tradições e formas de transmissão oral.

II. ENSINO E VALORIZAÇÃO DAS LÍNGUAS NACIONAIS

3. Como avalia a presença (ou ausência) das línguas nacionais no sistema de ensino em Angola?

A presença ainda é tímida e fragmentada. Embora existam iniciativas pontuais, falta uma política educativa robusta que integre as línguas nacionais como línguas de instrução e não apenas como objectos de estudo. A ausência sistemática dessas línguas no ensino contribui para o apagamento simbólico das culturas locais e perpetua desigualdades linguísticas. Confesso que entendo as estruturas do Estado. Não é um tema fácil. Por exemplo,

sendo o Ensino Primário monodocente, um professor desse nível deve dominar pelo menos uma língua nacional para, de forma harmónica, manipular com o português na sala de aula. Defendi em estudos feitos que talvez fosse pertinente optarmos pela metodologia convergente, à semelhança de países vizinhos com situação linguística similar a nossa. Explico-me, no ensino primário a língua veicular seria uma língua nacional e o português estaria aí como disciplina. No ensino secundário invertia-se, com o português como língua veicular e a língua nacional como disciplina. Para soluções é importante envolver as universidades, para evitarmos decisões de gabinete que rivalizem com a realidade e com a ciência.

4. Que papel poderia ter a alfabetização em línguas nacionais no combate ao analfabetismo nas zonas rurais?

A alfabetização em línguas nacionais é

uma estratégia eficaz e culturalmente sensível para combater o analfabetismo. Ao aprender a ler e escrever numa língua local, o indivíduo estabelece uma ponte mais natural com o conhecimento, mas podemos estar a excluí-lo do sistema formal, já que o contexto comunicacional institucional é monopolizado pela única língua oficial. Por isso é que as medidas devem ser melhor harmonizadas e implementadas em rede, como os fios que se entrelaçam ao mesmo tempo no tear, em que cada medida precisa ser lançada em conjunto para formar o tecido dessa mudança. Evidentemente, a alfabetização em língua nacional local fortalece a auto-estima, facilita a aprendizagem de outras línguas e promove a inclusão social. É uma medida que alia pedagogia à justiça linguística. Mas, repito, ensinar alguém por uma língua sem estatuto preciso, é como erguer uma ponte onde não

há margens definidas: a travessia é necessária, mas o destino é incerto.

III. CRIAÇÃO LITERÁRIA E TRADUÇÃO

5. Há produção literária significativa em línguas nacionais? Que autores ou iniciativas destacaria?

Sim, embora ainda subvalorizada. Autores como Uanhenga Xitu, Lopito Feijó, David Capelenguela, Amélia Dalomba, Aníbal Simões, Gociante Patissa e Ana Paula Tavares têm explorado a musicalidade e os imaginários das línguas nacionais nas suas obras. Lembrei-me agora desses nomes, mas há outros que o fazem. Iniciativas como Festival de Literatura Oral e projectos de recolha de contos tradicionais seriam fundamentais. A literatura oral, em particular, continua a ser um espaço fértil de criação e resistência. Olha, essa pergunta me faz lembrar Ngũgĩ wa

Thiong’o. Esse escritor ganense, falecido este 2025, ao optar por escrever em gĩkũyũ, fez um gesto radical de reconexão com o seu povo, não apenas como público leitor, mas como sujeito histórico. Os seus textos passaram a circular em comunidades rurais, entre jovens que raramente se viam representados na literatura escrita em inglês. Embora essa escolha tenha limitado o alcance internacional imediato das suas obras, ela ampliou profundamente o impacto local, transformando leitores em protagonistas culturais. É verdade que muitos quenianos são bilíngues e poderiam ler em inglês, mas o uso da língua materna carrega nuances afectivas, simbólicas e políticas que o inglês não alcança. Ngũgĩ sabia que escrever em gĩkũyũ era também uma afirmação de dignidade cultural. Mas a pergunta é sobre Angola, certo? É assim, ao tentar escrever em kimbundu

ou umbundu, Ngũgĩ wa Thiong’o encontraria não apenas o silêncio das editoras, mas o eco de um sistema escolar que nunca aprendeu a escutar o coração da terra. Os seus livros talvez não fossem proibidos, mas ignorados. As crianças, ensinadas a soletrar em português, não saberiam decifrar os segredos da língua da avó.

6. A Academia Angolana de Letras tem promovido ou incentivado traduções entre as línguas nacionais e o português?

Temos incentivado a tradução como prática de mediação cultural. A tradução entre línguas nacionais e o português permite que saberes locais dialoguem com o espaço nacional e internacional. Agora, sobre o apoiar, a Academia Angolana de Letras é como um imbondeiro que acompanha um grupo de sábios reunidos à nossa sombra. Os anciãos, com manuscritos em kimbundu, umbundu, cokwe, prontos para serem traduzidos, mas

sem papel, sem tipografia, sem eco institucional. Vamos todos falar, mas o vento tudo levará. Ao contrário da realidade angolana, em países como França, Cabo Verde e Brasil, as respectivas Academias têm recebido apoio institucional significativo, com sedes inauguradas, acordos culturais e presença activa do Estado em eventos culturais. Esse suporte permite que a palavra ganhe corpo, circule, traduza e transforme. Em Angola, a Academia ainda canta com voz firme, mas sem microfone.

IV. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E DESAFIOS

7. Angola tem uma política linguística clara em relação às línguas nacionais? O que ainda falta fazer?

Ainda não temos uma política linguística suficientemente clara e abrangente, como referi logo no início. O desconhecimento constitucional das línguas nacionais é

um barulhento recuo. Falta uma estratégia articulada que envolva educação, cultura, ciência e comunicação social. Se continuarmos a pensar que cultura é um sector não produtivo, o nosso Instituto Nacional das Línguas Nacionais e os projectos de pesquisa universitários sobre valorização e promoção das nossas línguas, e aqui incluo o português, continuarão a andar com a força muscular de carolas ou devotos que, embora movidos por fé, paixão e muita competência, carregam nas costas o peso de uma nação que ainda não reconhece o valor estratégico da sua própria voz.

8. Que obstáculos se colocam actualmente à valorização das línguas nacionais: será falta de recursos, vontade política ou desinteresse social?

É um conjunto de factores: Tudo junto e misturado. Não sei se isso se diz. Assinalo a escassez de recursos técnicos e

humanos especializados – imagina se pensarmos em implementar o ensino das línguas nacionais por Angola toda. Temos professores suficientes? Se falar de ausência de vontade política será pela consistência, pois vontade sempre existiu. Falta ser coerente e consistente. A vontade política para valorizar as línguas nacionais existe, mas é intermitente e simbólica, marcada por gestos pontuais, programas e discursos. O que falta é coerência entre palavra e prática, e consistência institucional que sustente políticas ao longo do tempo. Sem isso, os projectos permanecem frágeis, dependentes de carolas, e vulneráveis à descontinuidade. Transformar vontade em estratégia de Estado é o passo necessário para que o ideal não se perca na vontade. Mas também há um certo desinteresse social, fruto duma herança colonial relativo aos critérios da ascensão e do reconhecimento da e na sociedade, que redundava na hegemonia

do português e na marginalização histórica das línguas nacionais. Superar esses obstáculos exige uma mudança de paradigma, onde as línguas nacionais sejam vistas como instrumentos de desenvolvimento e não como relíquias do passado.

V. FUTURO E INTEGRAÇÃO

9. É possível pensar num futuro onde o português conviva de forma harmónica com as línguas nacionais, em igualdade simbólica e funcional?

Sim, é não apenas possível como desejável. O português pode continuar a ser língua de unidade nacional, mas deve abrir espaço para a convivência simbólica e funcional com as demais línguas nacionais. É imperioso quebrar o contexto de diglossia bilíngue em Angola, que envolve o português e as línguas nacionais, com funções sociais distintas, nomeadamente a língua oficial (H) que domina

na educação, no Estado, na comunicação social e a nacional ou local (L), protegida numa espécie de reserva natural pelo seu reduzido uso em casa, na comunidade ou na igreja. Uma Angola verdadeiramente democrática será também uma Angola multilingue, de facto e de juri.

10. Que mensagem gostaria de deixar às novas gerações de escritores, linguistas e educadores sobre o valor das línguas nacionais?

Que abracem as línguas nacionais como parte de sua missão intelectual e ética. Que ingressem no exército de carolas e devotos; que escrevam, pesquisem, traduzam e ensinem com paixão e compromisso. Cada língua é uma janela para o mundo, uma forma de ver, sentir e transformar a realidade. Valorizar as línguas nacionais é afirmar a dignidade dos nossos povos e construir uma Angola mais justa, bela e plural.



ANTÓNIO QUINO

Membro fundador da Academia Angolana de Letras, exercendo actualmente a função de secretário-geral, António Quino é membro da União dos Escritores Angolanos. Crítico literário, antologista, cronista, contista, romancista e jornalista, é doutorado em Ciências da Literatura pela Universidade do Minho, Portugal, e mestre em Ensino de Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Agostinho Neto. Docente no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda.



**FACTOS
NOTICIOSOS
UNIVERSIDADE
JEAN PIAGET
ACOLHE
CONFERÊNCIA
SOBRE LÍNGUAS
NACIONAIS**

Jornal de Angola 19
Jun 2025

Gil Vieira

DR

Associação Litteragris
realiza conferência
sobre línguas no Jean
Piaget

Jean Piaget, de
Luanda, acolhe,
hoje, às 13h30, uma
conferência sobre
línguas nacionais,
enquadrada nas
actividades artística
e académica,
denominada
“Semana das Línguas
Angolanas”, que

decorre até amanhã, na
capital do país.

A conferência
vai contar com a
abordagem de quatro
temas, nomeadamente
“Sistemas de classes
e prefixos nominais
do dialecto Kiphala:
uma abordagem
morfológica”,
apresentado pelo
jornalista Khilson
Khalunga, “O
kimbundo e os 50
anos de Independência
de Angola: avanços
e retrocessos”, pelo
docente Miguel
Lubuato, “Sistemas
de classes e prefixos
nominais em Bantu:
uma abordagem
morfofonológica do
cokwe”, apresentado
pelo docente e
pesquisador Peres
Sassuco, e, por último,
“Multifuncionalidade

do Morfema: prefixado
no léxico das línguas
angolanas”, pelo
docente Reinaldo
Tomás.

O encontro espera
reunir académicos,
estudantes,
linguistas, escritores
e interessados na
temática, promovendo
um espaço de reflexão
crítica sobre o futuro
linguístico de Angola.

A Semana das Línguas
Angolanas é uma
iniciativa cultural e
educativa dedicada à
valorização, promoção
e preservação das
línguas nacionais de
Angola, através de
eventos científicos e
artísticos.

O evento decorre sob o
lema “Diversidade que
une, multilinguismo
que transforma,
línguas nacionais,

património colectivo”,
e tem como objectivos
específicos analisar o
panorama linguístico
angolano em debates
sobre políticas
linguísticas, apresentar
resultados de trabalhos
científicos sobre as
línguas angolanas,
e elevar as línguas
angolanas de origem
africana, por meio de
actividades culturais e
recreativas.

O programa termina,
amanhã, às 16h30, na
UEA, com a realização
de um evento artístico
designado “Mimbu
Mu Njangu”, durante
o qual disciplinas
artísticas como a
literatura, música e
teatro se cruzarão.

A Semana das Línguas
Angolanas é um evento
artístico e académico
co-organizado
pelo Círculo de
Estudos Literários

e Linguísticos
Litteragris, em parceria
com a Faculdade de
Humanidades, Artes,
Educação e Formação
de Professores da
Universidade Jean
Piaget, com o apoio
institucional da
União dos Escritores
Angolanos (UEA).

Nome do Artigo:
Universidade
Jean Piaget acolhe
conferência sobre
línguas nacionais
Publicação: Jornal de
Angola

Autor: Gil Vieira

Página Inicial: 36

Página Final: 36



Universidade Jean Piaget
de ANGOLA

Faculdade de Humanidades
Artes, Educação e Formação
de Professores



ESPECIALISTAS ANALISAM DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS NACIONAIS

“Semana das Línguas Angolanas”, que decorreu de quarta-feira até ontem, em Luanda, é uma iniciativa cultural e educativa dedicada à valorização, promoção e preservação das línguas

Jornal de Angola21
Jun 2025

Armino Canda
Lubwatu e Peres
Sassuco, bem como
os académicos
Reinaldo Tomás e
Khilson Khalunga

analisaram, na quinta-feira, em Luanda, a diversidade linguística angolana falada por diferentes etnias, com grande importância cultural e histórica para o país. Os especialistas abordaram diversas temáticas durante a conferência sobre as “Línguas Angolanas”, realizada no auditório da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Jean Piaget.

O linguista Miguel Lubwatu abordou o tema “O kimbundu e os 50 anos da Independência de Angola: avanços e retrocessos”. Durante a dissertação, o especialista explicou que, actualmente, o kimbundu é falado por cerca de três a quatro milhões de pessoas. O académico referiu que se existe a pretensão de ter um país inclusivo e com um maior número de

falantes das diversas línguas Bantu, é necessário que as políticas públicas sejam abrangentes e consistentes a fim de as línguas nacionais não desaparecerem como forma de preservar a identidade cultural de um povo. Se o país não tiver políticas públicas abrangentes e consistentes, alertou o especialista, não só o kimbundu, como também as demais línguas correm o risco de extinção. A literatura, explicou, é uma das áreas da ciência que permite a renovação das línguas angolanas, mas existe pouca produção. Porém, referiu, é necessário uma maior

produção literária, porque quando se faz o uso dos idiomas nas artes, há renovação das palavras. O kimbundu, disse, actualmente, é reconhecido institucionalmente como uma língua nacional, e surgiram várias iniciativas para a padronização e documentação do idioma, mas houve uma limitação a estes avanços. “Estes avanços foram limitados por retrocessos estruturais e sociais por causa da centralização do português como língua de ensino. O kimbundu, apesar da sua importância cultural, permanece em desvantagem”,

enfatizou. Miguel Lubwatu aplaudiu a iniciativa do Tribunal Constitucional em traduzir a Constituição da República em oito línguas nacionais e, de igual modo, os órgãos de Comunicação Social, como a Televisão Pública de Angola (TPA) e a Rádio Nacional de Angola (RNA) que transmitem programas em línguas nacionais. O linguista e professor Peres Sassuco dissertou sobre o “Sistema de Classe e Prefixos Nominais em bantu: uma abordagem morfológica do

que o académico Khilson Khalunga analisou a questão “Sistema de Classe e Prefixos Nominais do Dialecto Kiphala: uma abordagem morfológica”, moderados por Leonilde António.

O professor Reinaldo Tomás dissertou sobre a “Multifuncionalidade dos Morfemas Prefixados no Léxico das Línguas Angolanas”.

Valorização e preservação

O coordenador do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris, Hélder Simbad, explicou que o encontro serviu para analisar o panorama das línguas angolanas, valorização e preservação. “A língua portuguesa não ajuda a solucionar todos os nossos problemas, mas, também, não pensamos em banir o português, simplesmente pretendemos dar outro estatuto aos diferentes idiomas que temos em Angola”, clarificou.

Hélder Simbad disse que a União dos Escritores Angolanos (UEA), a Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto e a Universidade Jean Piaget se juntam a esta iniciativa do Litteragris.

Nome do Artigo: Especialistas analisam diversidade do português e das línguas nacionais

Publicação: Jornal de Angola

Autor: Armindo Canda

Página Inicial:37

Página Final:37

GALERIA

GALERIA

GALERIA





União dos
Escritores
Angolanos







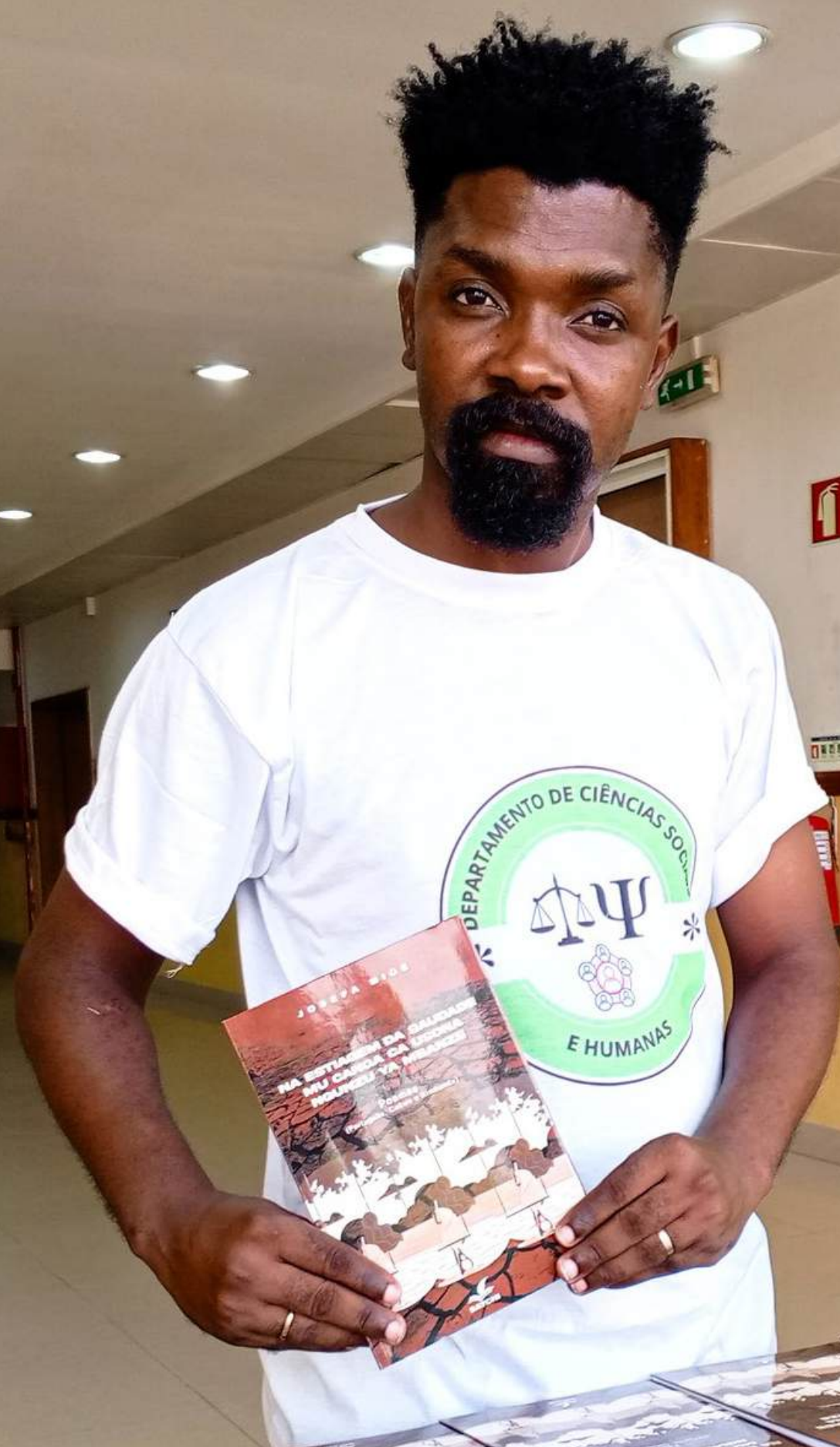
União dos
Escritores
Angolanos

**SEMANA
DAS
LÍNGUAS**

C
CIRCULO
E LING

SEMANA
DAS
LÍNGUAS

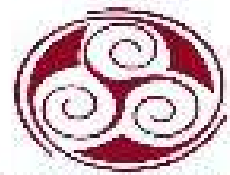




**SEMANA
DAS
LÍNGUAS**

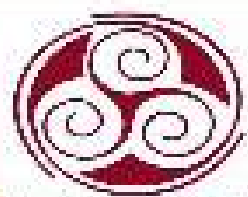






Universidade
PIAGET

SEMANA
DAS
LÍNGUAS

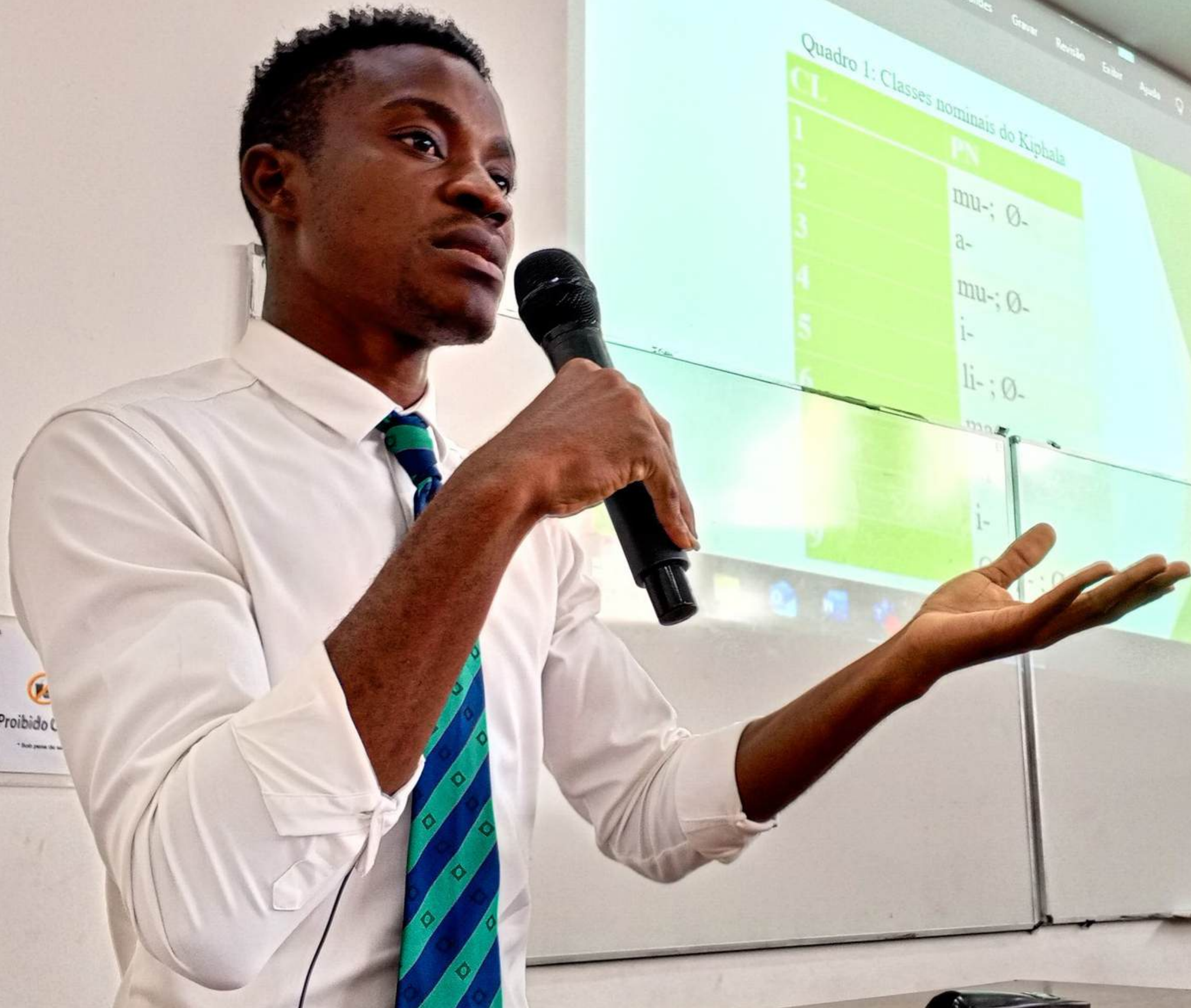


Universidade
PIAGET

SEMANA
DAS
LÍNGUAS





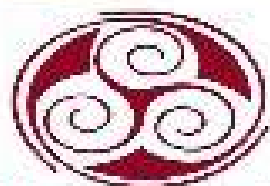


Design Transições Animações Apresentação de Slides Gravar Revisão Exibir Ajuda Imprimir

Quadro 1: Classes nominais do Kiphalá

CL	PN
1	mu-; Ø-
2	a-
3	mu-; Ø-
4	i-
5	li-; Ø-
6	ma-





Universidade
PIAGET



SEMANA
DAS
LÍNGUAS



União dos
Escritores
Angolanos



Universidade Jean Piaget
de ANGOLA

Faculdade de Humanidades
Artes, Educação e Formação
de Professores

CESL

CÍRCULO DE ESTUDOS LITERÁRIOS
E LINGÜÍSTICOS LITÉRAGRIS

RE2LB

REVISTA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERATURA BANTU



9 789899 280137